

Agropecuária

Nº 138 - Ano 2004

tropical

ISSN 0101-1758

www.agropecuariatropical.com.br



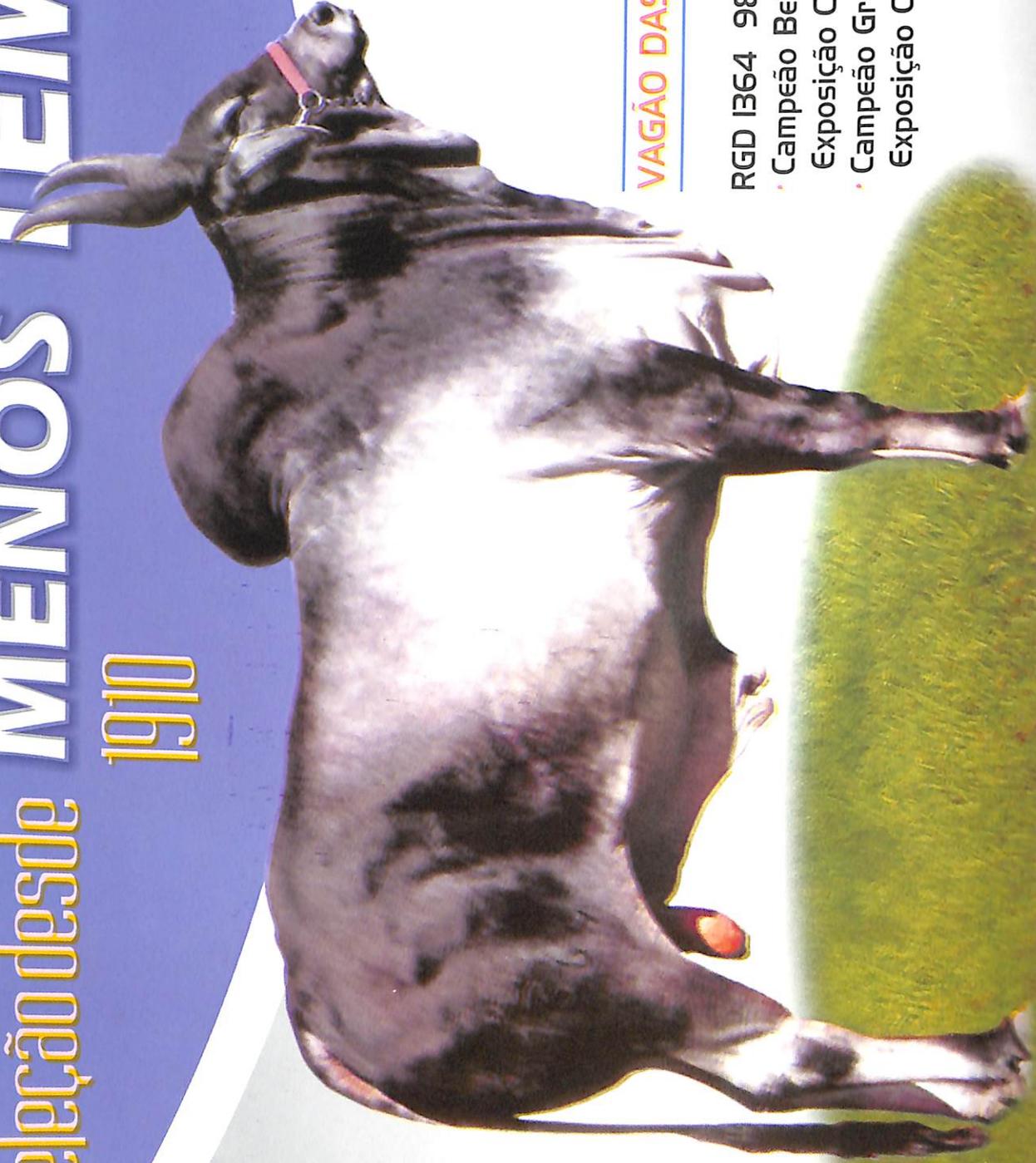
- **Pastejo rotacionado:**
fato e boato
- Genética
de exportação
- Agora, de volta
para o futuro
- Guzerá: a alternativa
versátil

Nem carne, nem leite, mas lucros

A bússola

MAIS CARNE E LEITE EM Seleção desde 1910

1910



VAGÃO DAS FLORES

RGD 1364 980 Kg.

• Campeão Bezerro

Exposição Curvelo-2001.

• Campeão Gran Sênior

Exposição Curvelo - 2004

A bússola

O melhor ato dos últimos tempos foi divino, veio de Deus: a doença da vaca-louca que levou países ricos a enxergarem que o Brasil poderia vender carne e produtos agrícolas com poucos venenos. O inolvidável progresso atual deve-se à vaca-louca que desencadeou a aceleração da onda modernizadora no campo. Até isso veio ajudar o Governo Lula!

Mercado externo não é alternativo do interno: eles se somam. Só o Governo não enxergou o próprio sapato que calçou na posse, de couro de cabrito e carneiro do Brasil mesmo. Era um sapato emblemático, mas o presidente foi tacanho e não viu a mensagem.

Enquanto isso, no Brasil, os sucessivos governos insistem em excluir o mercado interno, com empregos ruins e salários péssimos e muito paternalismo eleitoreiro. Resultado: exporta pouco mais de 30% de Hong Kong, cidade menor que o Rio de Janeiro! Na listagem dos 40 maiores países emergentes, o Brasil está no melancólico 35º lugar.

A China escancarou as portas para o capital internacional, com mais de US\$ 423 bilhões na década passada, apesar de ter um governo comunista que, paradoxalmente, esbanja globalização. Com apenas três planos quinquenais, saltou do quase zero para o grupo dos cinco maiores países exportadores e dos sete maiores importadores do planeta. Vendeu US 326 bilhões em 2001, sem Hong Kong. Com Hong Kong soma mais US 138 bilhões, passando a ocupar a terceira posição na OMC, à frente até do Japão - que tem US 416 bilhões. A China duplica o PIB a cada 10 anos.

Uma simples olhadela mostra que o programa Fome Zero - que tinha tudo para ser o carro-chefe do Governo - acabou no brejo. O Governo não bateu o martelo na direção do "zero", ou seja, na direção de incrementar e dignificar a produção interna e, então, tropeçou. O grande programa virou retórica, como a Reforma Agrária, e quase tudo o mais. Dar terra para comer? Quem come terra? O

ministro Rossetto chegou a insinuar à Revista Veja a idéia de estatizar terras, à la Stalin!

O certo é que o Governo perdeu a chance de bater o martelo, com o aval da população, na direção da desconcentração da renda - que é a grande bandeira a ser assumida. Pelo contrário, deu chance e até estimulou a organização dos trustes políticos, com os quais agora está se batendo. Acreditou que, dessa vez, "Vox populi" não seria "Vox Dei". Deu no que deu: baronato dos políticos, fisiologia pura.

Como diz Mangabeira Hunger: "os trabalhadores,

remediados ou pobres, continuam a aguardar soluções de um governo presidido por um ex-trabalhador, já angustiados com a convergência de desemprego e desordem que se vai instalando no país. Uma calma, de expectativa ansiosa, prenuncia a tempestade que vai começar quando a população compreender o quanto foi abandonada e traída. (...) Enquanto isso, desfaz-se nas sombras o pouco que tínhamos de império do direito. Um grupelho instalado no centro do Estado, com o beneplácito de um presidente refugiado em fantasias, forja síntese de fisiologismo, dirigismo e hegemonismo."

Ainda é tempo de o Governo observar a bússola e remar na mesma direção. A vaca-louca vai mancar, logo, e o governo perderá o trem da história. Seguirá a bússola, se quiser e se deixarem! Não é tarefa fácil silenciar a voracidade dos banqueiros que estão lucrando bilhões e bilhões desde o Governo FHC e dos arrecadadores de impostos, que chafurdam nos costados da população e, principalmente, daqueles que pretendem produzir alguma coisa.

É hora de dizer: "Olha a vaca, presidente Lula, enquanto é tempo!"



Fundador: Virgolino de Faria Leite Neto, com "PARAÍBA PECUÁRIA", em 1976 cognominado "O Patrono do Zebu Nordestino", seqenciada por "AGROPECUÁRIA TROPICAL", fundada por Rinaldo dos Santos em Janeiro de 1980.

Edição: nº 138 - 2004

DIRETORIA: Rinaldo dos Santos, Denise de Abreu Ribeiro.

DIREÇÃO EXECUTIVA: Rinaldo dos Santos

Pesquisas Editoriais: Denise Teixeira de Abreu - **Revisor para Zootecnia:** Paulo Roberto M. Leite - **Tradução:** José Antônio dos Santos - **Assessoria Administrativa:** José Luis de Paula - **CPD (Criação)** Adolfo Lacerda - Denise de Abreu Ribeiro - **Financeiro:** Dulcinéia Duran de Oliveira - **Ilustrações:** Toninho (34) 3315-3605 - **Distribuição:** Rafael Ribeiro, Frederico Teodoro Neto

COLABORADORES EDITORIAIS

Eurípedes Oliveira, Jorge Coelho, Huascar Terra do Vale, Manoel Dantas Vilar Filho, Tito Victor, Paulo Roberto Miranda Leite, Eduardo Almeida, José Nivaldo, José T. Figueiredo, Antônio Ernesto W. de Salvo, Francisco Teatini, Paulo Ernesto A. Menezes, Fernando Cardoso.

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

SEDE: UBERABA-MG - Jadir Bison - Editora Agropecuária Tropical Ltda - Cx. Postal: 606 - Rua Eng° Foze Kalil Abrahão, 487 - CEP: 38001-970 - Fones: PABX: (34) 3312-9788

Telemarketing - Jadir Bison, Lenice Marisa Cobo Vieira, Solange Vieira Mendes, Daniela Carla M. Genuíno, Érika B. Felisbino, Claudiana A. Oliveira.

Fotógrafos de campo autônomos - Sidnei Novais, Marcelo Cordeiro, Luis Alberto Britto Mendez.

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR:

ÁFRICA DO SUL - G. Mackenzie Maia - 23 Redsway Glencaim 7995 Cape - Tel: 0217-831186 / 02171929

MÉXICO: 1) Elias Bremauntz - Revista "CRIADOR" - Av. Nevado, 112-13, gol. Portales, México, 03300 - D.F. 2) **Consuelo Gonzáles Pastrana** - 9ª Pte. Sur 986, Tuxtla Gtz - Chiapas - México

PERU: Reinaldo Trinidad Ardilles - Pablo Bermudez, 301, Lima 11 - Fone: 23-5650

COSTA RICA: Roberto Albertazzi Avendano - Idicasa, apdo. 100, Curridabat, San José, Costa Rica.

VENEZUELA: Alvaro Javier Alvarez Rodriguez - Apdo. Postal 17 - Guanane - Venezuela - Fone:057-519009/515819.

CONVÊNIO EDITORIAL: El Cebú (Colômbia), Brahman Journal (EUA), Brahman News (Australiá), Holstein Friesian Journal (EUA), Desarrollo Agropecuario (Peru), Desarrollo Agropecuario (Costa Rica), Ganagrincó (Venezuela), Cebú (México), Criador (México), Godarshan (Índia), Brown Swiss (EUA), Dorper (África do Sul).

Fotolitos: Registro Fotolito Digital, Uberaba, MG

Fone: (34) 3321-6539

Impressão: Gráfica Brasil, Uberlândia, MG

Fone: (34) 3239-5800

AGROPECUÁRIA TROPICAL - Título autorizado para publicação à Editora Agropecuária Tropical Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da pecuária nacional, principalmente as tropicais, num diálogo com as classes rurais e autoridades do setor. Artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da publicação e são da responsabilidade dos que os subscrevem, mantendo a Editora o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não só autorizamos como também, sugerimos a transcrição de matérias editadas, citando-se a fonte.

EDITORA AGROPECUÁRIA TROPICAL LTDA - Sede: UBERABA-MG - Rua Eng° Foze Kalil Abrahão, 487 - Caixa Postal: 606 - CEP: 38060-010 - PABX: (34) 3312-9788

E-mail: zebus@terra.com.br / zebus.comercial@terra.com.br Site: www.zebus.com.br

- Reg. Título "ZEBU" - Classe 38.10 - Nº 815133049 e Classe 101 - C.G.C.: 25.918.665/0001-00 - Reg. Junta Comercial: 3120311380/8 - Reg. ISSN: 0101-1758 - Reg. Título "AGROPECUÁRIA TROPICAL" - Reg. Título "O BERRO" - Reg. Título "GIROLANDO" - Reg. Título "ZEBU".



14

- Guzerá no século XVI: um olhar ibérico quinhentista sobre o Zebu na Índia

Editorial:

- A bússola 3

Zootecnia:

- A genética como base para a liderança no mercado de carne 5

Conjuntura:

- Êxodo rural: de volta para o futuro 6

- Brasil: o estreito funil da infra-estrutura 45

Reforma Agrária:

- Procuram-se latifúndios 9

- Investimento expulso 39

Especial:

- Guzerá: Um papel importante na história das civilizações 11

Guzerá:

- Aproveitar bem o capim: eis a ordem 13

- Campeão de desempenho 18

- Os 10 mandamentos da raça Guzerá 25

- O Guzerá nos cruzamentos antigos e modernos 28

Exposições:

- Expo Belo Horizonte 30

- Expo Curvelo: um grande espetáculo, de novo .. 31

- Expo Valadares: Torneio leiteiro com 20 vacas ! 34

Memória:

- Rebanhos no céu 38

Nutrição:

- Pesquisa eleva teor protéico da Palma Forrageira 43



42 Os fatos e boatos do Pastejo Rotacionado

Pecuária:

- O couro como Renda Extra 47

Boa Leitura:

- Cinco homens, cinco besouros... 50

E MAIS...

- China supera EUA em transgênicos 46

- Maior cachorro quente do mundo 46

- Chega Braquiária Mulato 49

- Roraima dos americanos 8

22

- Nem gado de leite, nem gado de corte: gado de lucro



A genética como base para a liderança no mercado da carne

Donário Lopes de Almeida

O avanço da bovinocultura de corte no Brasil é mais um exemplo do sucesso do agronegócio, que está batendo recordes sucessivos ao longo dos últimos anos. Não é por acaso que o PIB do setor proporciona grande saldo positivo na balança comercial do país. Assim como a produção de grãos, que dobrou na última década, a produtividade da pecuária de corte, também tem apresentado índices crescentes, tendo a intensificação do uso de tecnologias como grande impulsionador destes resultados.

Em análise aos dados estatísticos de produção da pecuária, fica evidente que a tecnificação impulsionou os resultados nos últimos dez anos. Apesar da expansão do rebanho ter sido de 11%, houve um aumento na produção de bezerros da ordem de 27% e o número de cabeças abatidas cresceu 26% no período, evidenciando a melhoria dos índices reprodutivos e a redução na idade de abate. Em termos de uso de programas intensivos de terminação, confinamentos, semiconfinamentos e pastagens de inverno, também houve um grande avanço, com aumento de 250% no número de animais nestes sistemas de produção. São dados que impressionam pela velocidade da evolução, não tendo similar em outras regiões do mundo.

A profissionalização da pecuária está baseada na melhor utilização do conhecimento e uso de tecnologias nas áreas de nutrição, sanidade e genética, o já conhecido tripé da produção bovina. Além da expansão e perenização das áreas de pastagem melhorada, com a introdução de espécies mais produtivas e de maior valor nutricional, houve um grande avanço no uso de suplementos minerais, garantindo a evolução constante de crescimento e ganho de peso dos animais. Na área de manejo sanitário - controle de doenças e parasitas - houve uma melhoria significativa. A febre aftosa foi erradicada em grande parte do território brasileiro, tendo uma maior conscientização da importância da vacinação e

controle de outras zoonoses, evitando perdas econômicas significativas. O relatório da ASBIA - Associação Brasileira de Inseminação Artificial, referente às vendas de sêmen em gado de corte no ano de 2002 não deixa dúvidas de que o melhoramento genético também acompanha esta evolução, tendo havido crescimento de 10% sobre o ano de 2001.

Desde meados da década passada a inseminação artificial (IA) no segmento de corte, cresceu a uma taxa anual média de mais de 13%, triplicando o volume total de utilização desta ferramenta de melhoramento. Além da IA, teve um grande volume de importações de animais, de diversas raças de



corte, e uma grande expansão da utilização de outras técnicas de multiplicação de genética superior, como a transferência de embriões e fertilização in vitro. Este avanço do melhoramento genético está sendo surpreendente, oportunizando ganhos importantes em termos de qualidade de carne, rendimento de carcaça, ganho de peso e habilidade materna dos rebanhos. Tudo isso proporcionando maior rentabilidade para os pecuaristas e a oferta de um produto de melhor qualidade ao consumidor.

Os dados apresentados pela ASBIA são importantes, quando elucidam a disseminação do uso da técnica de IA, nas mais diversas fronteiras pecuárias do país. O Brasil está deixando de ter apenas ilhas de produtividade, como era comum antigamente, e passando a produzir carne de qualidade em diversas regiões. Os programas de car-

ne de qualidade, com rastreabilidade e certificação, começam a aparecer em vários pontos do país, como o Nelore Natural de Rondônia, Beef Tropical em Minas Gerais, Montana em São Paulo, Angus no Rio Grande do Sul e tantos outros. Além disso, há uma profusão de provas e sumários de touros que classificam os melhores animais em função de sua performance, facilitando

a decisão do pecuarista no momento da aquisição de reprodutores para monta natural.

O melhoramento genético em andamento no Brasil, não encontra precedentes no mundo e, sendo mantido neste patamar, fortalece a base para que o país alcance rapidamente a almejada liderança do mercado internacional de carne vermelha. É preciso utilizar corretamente os programas de seleção, para que realmente possa oferecer produtos que atendam as demandas do consumidor interno e externo, garantindo resultados para todos os elos da cadeia da carne, e fortalecendo ainda mais o agronegócio em nosso país. ★

Donário Lopes de Almeida
é Engenheiro Agrônomo, agropecuarista
e ex-presidente da ASBIA - Associação
Brasileira de Inseminação Artificial.

Êxodo rural: de volta para o futuro

Rodrigo Otávio Correia da Silva (*)
e José Walter da Silva (**)



País essencialmente agrícola, no passado, emergente na indústria, na tecnologia e no comércio, o Brasil passa na atualidade por uma interessante transformação na qual o Agronegócio se impõe como uma solução para a renda nacional, assim como para a resposta ao mundo, enquanto produtor e exportador de alimentos. Mas não é qualquer alimento. É alimento de alta qualidade, pois a natureza é nossa grande parceira. Precisamos apenas de acelerar a conscientização e provarmos que é possível produzir com insumos naturais, sem agrotóxicos.

Incrementado o êxodo rural, por volta da década de 50, tínhamos na cidade a maravilha do viver. Era onde se prenunciava a cultura, o lazer, o trabalho fácil, os produtos de qualidade, educação e saúde, transporte, segurança, moradia, a ausência de intempéries e o conforto em si. Parecia que o sofrimento da roça havia se minimizado, mas o que ocorria de fato, era o êxodo rural, processo nefasto, responsável por grande parte dos problemas hoje existentes nas cidades, inchadas, refletindo o contrário das qualidades acima.

Parte dessa evasão do campo tem a ver também com o advento da tecnologia agrícola, que se responsabilizou, inclusive pelo grande incremento

da produção rural até com políticas equivocadas, nas quais as terras foram se concentrando em latifúndios, muitos dos quais mal aproveitados ou explorados sem o mínimo de atenção na ecologia e no meio ambiente. Ainda bem que por volta da década de 80, este processo perverso de ataque à natureza começou a ser revertido.

Contudo, inclusive na região do Sul de Minas Gerais, de onde se estão externando estas idéias, ainda se provocam desmatamento, seja para agricultura, seja para mineração. Ainda se contaminam os lençóis freáticos com venenos perigosos, ainda se lavram a terra de maneira destrutiva, provocando prejuízos à natureza, mas acredito que também serão esses processos interrompidos em tempo.

A conscientização pela proteção da natureza é crescente e a sociedade, Ongs, assim como representantes dos poderes públicos vêm assumindo posições de defesa da mesma. Até porque a natureza é justa, mas também cruel na sua correção e quem a prejudicar, seguramente, terá que indenizá-la, às vezes até com a própria vida, ou pior, com vidas de outros.

O Brasil é visto como o celeiro do mundo, marca de muitas décadas atrás, atribuída pelos visionários e futurólogos do passado, que hoje se

materializa através de fatos e dados, haja vista a pujança de nossa agropecuária que vem se pronunciando nos últimos anos, senão vejamos:

1 - O Brasil é um dos países onde mais se fala, mais se estuda e mais se realizam projetos na agropecuária orgânica;

2 - Possui as terras, o clima e as demais condições necessárias para a alta produção agropecuária e possui não só quantidade desses fatores, as qualidades necessárias para a alta produtividade;

3 - Já é o maior exportador de carne bovina do mundo, embora ainda não sejam seus produtos enquadrados no rol dos de melhor qualidade. Depende de nós para as adaptações e cuidados necessários; e do governo, no cumprimento de seu papel regulador e fomentador, assim como de pressão junto ao mercado internacional. Isso é responsabilidade do governo e dos exportadores;

4 - É o segundo maior exportador de carne de frango do mundo, e devido a doenças nos Estados Unidos, poderá se tornar o primeiro. É importante que se trabalhe fortemente para evitar eventuais problemas sanitários;

5 - É o maior exportador de produtos cítricos do mundo e tem potencial



para liderar a exportação de frutas;

6 - Parece estar se colocando na liderança da produção e exportação de soja no mundo. Neste flanco, há que se resolver os problemas de genética e de política, que envolvem a questão;

7 - É um dos maiores produtores de algodão, milho, pescas e se continuar trabalhando sério, alcançará a liderança em muitos desses produtos;

8 - É o maior produtor de café do mundo e se não fosse a desorganização dos produtores e, principalmente do governo, que não tem política adequada para o setor, seria o país de maior lucratividade no café. Nosso café é de melhor qualidade, é exportado sem qualquer beneficiamento, não tem força junto aos atravessadores e não tem prática de "marketing";

9 - O peixe, criado com tecnologia, será tão importante quanto o boi, pois é mais lucrativo, é muito mais produtivo e o mundo espera o peixe brasileiro. A capacidade de produção de peixe no Brasil é ilimitada, sem igual no mundo e ainda será descoberto isto. O mesmo pode ser considerado em relação à produção de frutas;

10 - Temos a Embrapa, principal empresa de pesquisas do gênero do país, outrora aniquilada e quase extinta por um governo inconsequente e irres-

ponsável, desprovido de caráter nacionalista e despreocupado com a defesa da soberania nacional;

11 - Vêm se pronunciando importantes centros de pesquisas e universidades voltadas para as ciências agropecuárias;

12 - Eventos rurais, de importante repercussão são hoje comuns no país e alavanca o crescimento das atividades agropecuárias capitaneados por entidades

Cresce a produção agropecuária brasileira



leiro, principalmente nos estados e municípios que têm governantes mais competentes, enxergando que é através do desenvolvimento das pequenas propriedades é que se fixa o homem e a mulher no campo.

Outras regiões do país estão se pronunciando na mesma direção. O Governo Federal ainda não enxergou e agiu na caprino-ovinocultura como alavanca de desenvolvimento da agropecuária nacional.

Esta verdadeira revolução que vem movendo a agropecuária é alentadora e, dificilmente, não arremessará o Brasil para a posição de vanguarda mundial pelos fatores acima, assim como em função do movimento que estamos observando onde os filhos de produtores rurais diminuem a inclinação para estudos de ciências exatas e humanas, de consumo nas cidades. Eles vêm priorizando o ramo de ciências agropecuárias, com foco no negócio rural. Eles deixarão de inchar as cidades e levarão para o campo uma tecnologia aplicada que, seguramente, propiciará mais ainda o desenvolvimento da agropecuária. Desenvolvendo-se o campo ele atrairá de volta, aqueles que outrora o abandonaram, em busca de melhores condições de vida, muitos sem sucesso. A melhor condição de vida, seguramente, está ao lado da natureza.

Crescendo o setor rural, pessoas serão necessárias, pois, por mais que se mecanizem os trabalhos, não há condição de desenvolver uma atividade sem pessoas preparadas para assumir e levar em frente seu progresso. As máquinas não trabalham sozinhas, não pensam, nem sentem, por mais

rurais classistas competentes;

13 - Tem a agropecuária a mídia como aliada. A mídia pode ser a artéria onde se divulgam e democratizam a tecnologia, as experiências e os conhecimentos adquiridos e dominados no país;

14 - O Brasil é um dos países com maior potencial em turismo do mundo, atividade que tem em seus afluentes de turismo rural e turismo ecológico, os principais pilares de seu crescimento, o que mais uma vez remete nossas atenções para o campo.

A caprinocultura e a ovinocultura vêm transformando o Nordeste brasi-



que se possa querer enxergar apenas as condições econômicas de um empreendimento rural. A economia crescente no setor rural vai aumentar a renda, as riquezas, a qualidade e aceitação dos produtos e os impostos e tudo isto será aplicado, inclusive nas áreas urbanas. Teremos empregos no campo, assim como temos nas indústrias. O pequeno empresário também crescerá na indústria.

Outro aspecto visível que traz desenvolvimento é a aproximação do empresário urbano com o empresário rural. Por que falo em empresários? É porque não há mais espaço, seja no campo, ou na cidade, para se gerenciar um empreendimento sem o caráter empresarial. É necessário que cada negócio, pequeno ou grande, seja administrado com todas as metodologias e tecnologias estudadas como "market-

ing", controles, finanças, recursos humanos etc. Se, de um lado, o empresário urbano é especialista em: gestão em negócios, de outro, o produtor rural detém conhecimento prático e tecnologia de produção.

É só interagir na troca de atributos, o que fará o produtor rural enxergar e administrar da porteira para fora da propriedade e ao empresário urbano, aplicar seus conhecimentos empresariais no sistema produtivo mais prazeroso que existe, que é o trabalho na terra. Tudo isto, de forma sustentável, agradará à natureza e melhorará a qualidade de vida, propiciando o retorno ao meio rural de seu filho pródigo que passou a sofrer na cidade, quando buscava, em vão, o conforto que não experimentou no campo. ★

(*) *Rodrigo Otávio Correia da Silva - é produtor rural, graduando em Medicina Veterinária na PUC de Poços de Caldas, MG; (**)* *José Walter da Silva - é Produtor Rural, Presidente da Associação de Turismo Rural do Sul de Minas (ASTRAL) e Membro da Comissão Técnica de Caprinos e Ovinos da FAEMG (Federação da Agricultura de MG - tel. (35) 8805 0007 e 9987 5851.*

Alho na cura de tumores

Cientistas do instituto Weizmann de Israel, conseguiram derrotar tumores usando uma substância chamada alicina, encontrada no alho. Ela é capaz de matar micróbios e até células normais. O meio encontrado foi construir um "missil de alho" que é um anticorpo projetado para reconhecer apenas um alvo. O método foi testado em camundongos que tinham tumores no estômago. ★

Roraima dos americanos

A caprinocultora Tânia Resende Garcia, foi trabalhar em Roraima e ficou impressionada com o que viu. Lá, quase não existem roraimenses, os meios de sobrevivência são muito escassos e não há qualquer tipo de indústria. Pouco mais de 70% do território roraimense é demarcado como reserva indígena, portanto restam apenas 30%. Na única rodovia que existe em direção ao Brasil, ligando Boa Vista a Manaus, cerca de 800 km, existe um trecho de aproximadamente 200 km (reserva indígena Waimiri Atroari), por onde as pessoas só passam entre 6h da manhã a 18h da tarde, nas outras 12 horas a rodovia é fechada pelos índios com autorização da FUNAI para que os mesmos não sejam incomodados. Os brasileiros não passam, o acesso é livre aos americanos, europeus e japoneses - que entram na hora

que querem. "Se os estrangeiros não tiverem uma autorização da FUNAI, mas tiverem dos americanos, então podem entrar" - salienta Tânia.

Os americanos já estão construindo em parceria com o governo colombiano, uma grande base militar na Colômbia, com o pseudo objetivo de combater o narcotráfico, bem próximo da fronteira com o Brasil, onde é rota de distribuição, pois o país mantém suas fronteiras abertas e tem estrada para as Guianas e Venezuela. "Nenhuma bagagem de pessoa estrangeira é fiscalizada" - finaliza Tânia. ★



NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA

● Imposto para saúde animal

O Ministério da Agricultura pretende criar taxas visando obter recursos para a defesa agropecuária. A meta do governo é arrecadar pelo menos R\$ 60 milhões com a nova tributação. O esboço de um projeto de lei foi apresentado aos produtores, que são contra os novos tributos.

● Gafanhotos ameaçam a África

Uma nuvem de gafanhotos pode devorar alimentos suficientes para 1.000 pessoas por dia. A FAO divulgou em 5 de Julho, um alerta dizendo que uma praga de gafanhotos do deserto em breve atingirá diversos países do norte da África.

● Mato Grosso vacinou 97% do rebanho em maio

O Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (Indea/MT), divulgou o balanço da segunda etapa de vacinação contra aftosa. Em maio foram imunizados 97,3% ou 10,1 milhões de cabeças de um total estimado de 10,3 milhões de animais, na faixa etária de zero a 24 meses. Isso significa uma queda de 1% em comparação com o mesmo período do ano passado. A campanha foi realizada de 1º a 31 de maio.

● Safra brasileira um pouco menor

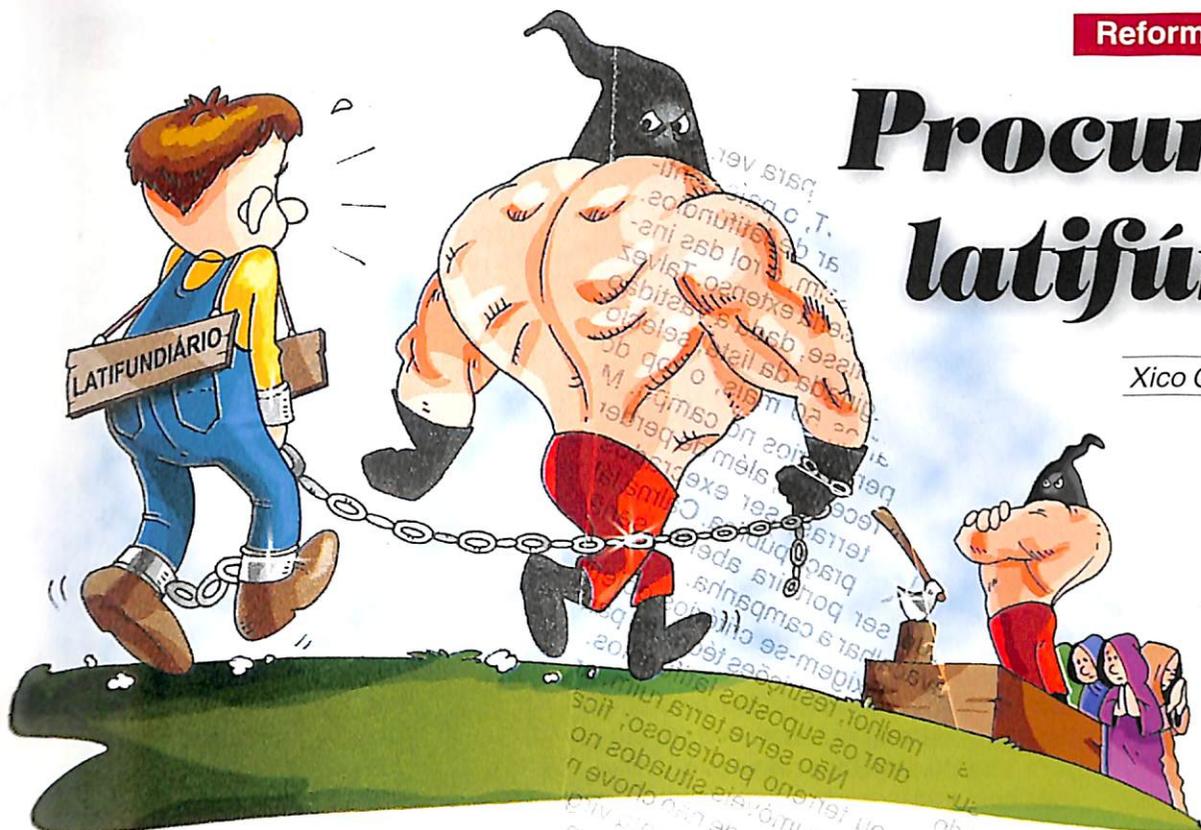
A produção brasileira de grãos 2003/2004 deve chegar a 119,4 milhões de toneladas, 3% a menos da que foi colhida no ano passado e um pouco menor (0,2%) que a prevista no último levantamento realizado em abril, de 120,1 milhões de toneladas. (Agronet)

● 300 mil vacas-loucas na França

Desde que o problema surgiu na Europa, em 1980, mais de 300 mil bovinos podem ter sido infectados na França pela encefalopatia espongiforme bovina, a doença da vaca louca - é o que está em trabalho técnico publicado no journal especializado Veterinary Research.

Procuram-se latifúndios

Xico Graziano



O MST transformou o latifúndio no bicho-papão da agricultura. Usa seu nome, para assustar a Nação. Cria, com seu grito de guerra, um clima de medo no campo. Como se não bastassem os sacis-pererês e as mulas-sem-cabeça, surge na roça um fantasma.

O latifúndio, realmente, não granjeia a simpatia de ninguém. Afinal, com tanta injustiça no mundo, fome e miséria campeando, quem defenderá a terra ociosa, o trabalho servil, o coronelismo mandão? Nem a velha TFP ou a recente UDR se alinham com o atraso. Por isso, a luta contra o latifúndio, virou unanimidade nacional. Burrice? Pode ser. A tese contra a terra ociosa é correta, mas a causa, questionável.

No passado, era verdade, a oligarquia rural freava o progresso. Hoje, os agronegócios impulsionam o desenvolvimento do País. Bradar contra o latifúndio representa um grito perdido. Um berro fora de hora.

Estudiosos sabem aquilo que o senso comum está descobrindo: a agropecuária segura o crescimento da economia, graças aos investimentos em tecnologia e aos ganhos de produtividade, que batem recordes sucessivos. O antigo sistema latifundiário se transformou numa economia agrária pujante, que assusta o mundo com seu vigor.

O MST, porém, não se curva à rea-

lidade. Repete sua cantilena e afirma que só sossega quando destruir o latifúndio. O INCRA, por sua vez, indica em seu cadastro milhões de hectares improdutivos. Mas não acha terras suficientes para desapropriar, empacando a reforma agrária que ele próprio anuncia. Vai assentar onde?

Procuram-se latifúndios, assim se poderia chamar uma campanha nacional para acabar com essa teima, esse verdadeiro massacre de informações desconhecidas. Onde estão esses malfetores rurais? Há ou não latifúndios no Brasil?

A questão é fundamental no debate do problema agrário do país. Quem está com a razão: os economistas rurais ou o MST? Para resolver a parada, como num jogo da verdade, vale uma campanha de desmascaramento do latifúndio.

Nela, chega de estatísticas. Não importa quantos por cento detêm tantos por cento de nada. Papo-cabeça não funciona mais. Há que se pegar o bicho à unha, um por um desses salafriários dos latifúndios: nome da fazenda, do preclaro dono, sua localização e área total.

Podem fazer as indicações. A Comissão Pastoral da Terra fiscaliza o processo, para eliminar qualquer suspeita. A Embrapa escala a comissão julgadora. Com isenção absoluta, analisa os dados e decide: deu latifúndio, desapropria na hora. Sem dó.

Qual será o resultado da campa-

inha? É pagar para ver. Segundo o MST, o país continua um mar de latifúndios. Sendo assim, o rol das inscrições seria extenso. Talvez permitisse, dada a vastidão imaginada da lista, selecionar os 50 mais, o top dos perdulários no campo. Merceariam, além de perder as terras, ser execrados em praça pública. Calma lá! Não pode ser porteira aberta, senão vai avacalhar a campanha.

Exigem-se critérios objetivos, ou melhor, restrições técnicas para enquadrar os supostos latifúndios. A saber:

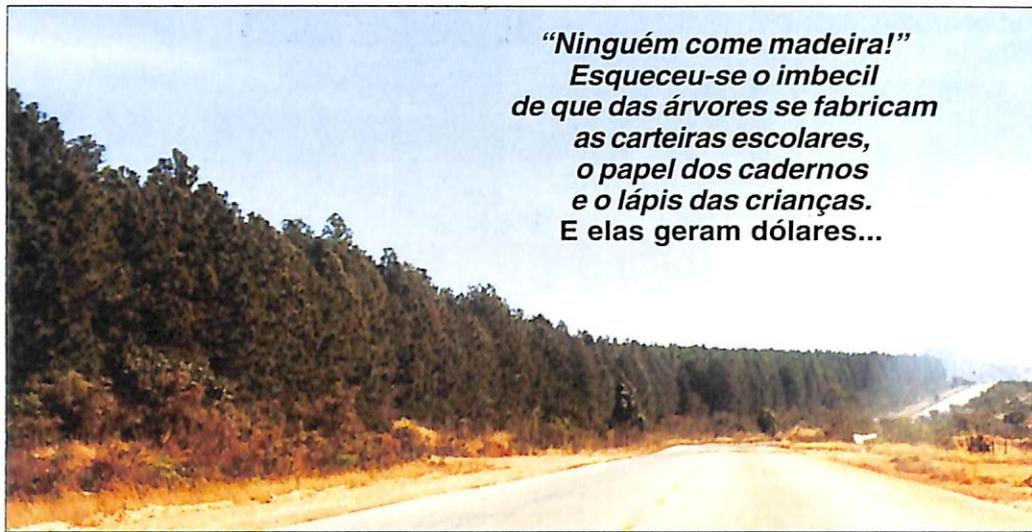
Não serve terra ruim, areião puro ou terreno pedregoso; ficam fora do páreo imóveis situados no sertão nordestino, onde não chove nunca; fazenda coberta por mata virgem, ou cerradão, na Amazônia, nem pensar; encaminhar junto a documentação comprovando que a área existe mesmo, pois terra grilada não vale; se não tiver estrada de acesso, nem perca tempo, já que assentado não tem avião.

Combinado?

Se não atender a esses quesitos, não é latifúndio de verdade! O sexto critério, porém, é o mais relevante: só vale indicar propriedade rural improdutiva. Óbvio demais?

Nem tanto. Como parece estar difícil localizar o terrível mal, os ideólogos do MST inventaram novo conceito: o de "latifúndio produtivo". Percebem a jogada? Produz, mas não presta porque é grande. Ou, então, porque não planta comida popular.

Outro dia, a invasão de área reflorestada, no Espírito Santo, pareceu tão esdrúxula que um militante deles arremeteu contra os eucaliptos: "Ninguém come madeira!" Esqueceu-se o imbecil de que das árvores se fabricam as carteiras escolares, o papel dos cadernos e o lápis das crianças. Mais: embora não ingiram árvores, muitos sus-



**“Ninguém come madeira!”
Esqueceu-se o imbecil
de que das árvores se fabricam
as carteiras escolares,
o papel dos cadernos
e o lápis das crianças.
E elas geram dólares...**

tentam suas famílias com o emprego oferecido nas empresas do setor de papel e celulose. É o salário que brota na árvore.

Argumentos bestiais criam falsas polêmicas, que distraem sobre a questão fundamental da economia capitalista: quem se beneficia do progresso? Como distribuir a renda? Mais que obscurantismo, destruir eucaliptos ou vociferar contra a exportação de soja significa distração ideológica.

Que fique claro: quem produz não pode ser latifundiário. Trata-se de um contra-senso. O grande empresário rural nada deve aos oligopólios urbanos que, no cimento, nos supermercados, no sistema financeiro, na produção de

automóveis, em tudo, controlam preços e espoliam o consumidor. Pelo contrário. Na agricultura se pratica o mercado concorrencial. É o único setor econômico onde vige, para valer, a lei da oferta e da procura.

Pronto. Estabelecidos os critérios básicos, está lançada a campanha para acabar, de verdade, com os latifúndios no Brasil. Talvez somente assim, pegando na unha, como se diz lá na roça, caia a máscara daqueles que vivem de apregoar a confusão no campo. ★

Xico Graziano- é agrônomo, foi presidente do INCRA (1995) e secretário da Agricultura de São Paulo (1996-98) E-mail: xicograziano@terra.com.br

Brasil será sede do Congresso Pan-Americano do Leite em 2006

Pela primeira vez, o Brasil vai ser sede do Congresso Pan-americano do Leite, organizado pela Fepale (Federação Pan-americana Leitaria). O anúncio foi feito pelo chefe geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo do Carmo Martins. A escolha do Brasil como sede da próxima edição do evento foi uma deferência da Fepale em relação ao aniversário de 30 anos da Embrapa Gado de Leite, que será comemorado em 2006.

Outro fator que também influenciou na decisão é o crescimento da produção de leite no país. Tradicionalmente, importador de leite para garantir o abastecimento interno no período de entressafra, o Brasil vem expandindo sua produção. Algumas empresas nacionais já exportam derivados lácteos, principalmente para países da África e Oriente Médio. A tendência é que as exportações em 2004 ultrapassem o volume de leite importado. ★

Você sabia...?

... que Gandhi falou: “Que Deus livre a Índia de ter uma industrialização igual à do Ocidente”? Isso porque a Inglaterra precisou de 50% dos recursos do planeta para alcançar a prosperidade. Quantos planetas seriam necessários para garantir a prosperidade de um país grande como a Índia?

Você sabia...?

... que Edmar Bacha criou a palavra Belíndia para o Brasil, significando um país onde a minoria vive numa Bélgica e a maioria numa Índia? Modernamente, existe a Bralômbia, onde o povo brasileiro vive em condições de subordinação aos bandidos e traficantes como na Colômbia.

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA

● **Campo terá R\$ 39,5 bilhões para a safra**

A agricultura empresarial brasileira terá R\$39,5 bilhões à disposição em recursos para a safra 2004/2005. O volume significa um aumento de 45% sobre os R\$27,15 bilhões, destinados ao setor na safra anterior.

● **Aftosa paraense não deve prejudicar vendas**

O foco de febre aftosa que surgiu no município de Monte Alegre, noroeste do Pará, às margens do rio Amazonas, não deve prejudicar a intenção do Brasil de erradicar a doença até o ano de 2005 e nem interferir nas exportações de carnes brasileiras.

● **Venezuela amplia comércio com Brasil**

O Brasil deve exportar 100 mil reprodutores bovinos, caprinos e ovinos para a Venezuela até o final do ano, além de material genético (sêmen e embriões) para melhorar a qualidade do rebanho do país vizinho (Agronet).

● **Guerra sem santo**

O ministro Roberto Rodrigues, ao comentar os recentes embargos da China e da Rússia à importação da soja e da carne do Brasil, disse que “a disputa pelo mercado é uma guerra sem santo, dura, sem quartel, em que os países concorrentes têm de ser competitivos, não apenas em custo de produção, mas também na qualidade de seus produtos”.

● **Carne bovina deve render US\$ 2 bilhões**

As exportações de carne bovina deverão chegar a US\$ 2 bilhões neste ano de 2004, um terço acima de 2003 e 160% superior a 1999.

● **Perdas com ferrugem da soja**

De acordo com levantamento concluído pela Embrapa, a ferrugem asiática provocou perdas de cerca de 4,5 milhões de toneladas de soja, na safra 2003/04.

GUZERÁ

Um papel importante na História das Civilizações

Evidências arqueológicas e herança fenotípica convergem para fortalecer a hipótese de que a raça do semi-árido de Gujarat seja uma das mais antigas do mundo e associada aos primórdios da domesticação do bovino pelo homem.

Cinco mil anos não são cinco décadas. Seria de fato a raça guzerá a mais antiga das hoje preservadas e selecionadas? Uma resposta acurada para esta pergunta fica para os especialistas que, cada vez mais, dispõem de novas e eficientes ferramentas de pesquisa.

A antiguidade de uma raça, enquanto grupo genético, sem dúvida assume grande importância e não é sem motivo que muitas associações de criadores, quando têm elementos para isso, destacam a antiguidade da raça que criam.

A antiguidade está relacionada à homozigose, ao que chamamos de “pureza racial” e, de certa forma, às qualidades inerentes a uma raça. Quanto mais séculos de isolamento e endogamia (cruzamento dentro do grupo) tem uma raça ou ecótipo - desde que a interferência do homem não tenha sido negativa - em tese, mais saudável e resistente serão seus representantes naquele ambiente (clima, solo, etc) em que foram plasmados.

Onde surgiu pela primeira vez a domesticação de bovinos? As primei-

ras domesticações de animais de produção teriam surgido entre o Egito e a Mesopotâmia, em torno de 5 a 7 mil AC ou mesmo antes. Recentes pesquisas divulgadas em 2003 concluíram que o primeiro animal domesticado foi a cabra. Depois, viria a ovelha, o cão, o jumento, etc. A importância desse fato foi extraordinária e, para alguns estudiosos, tão essencial como a domesticação de plantas - o advento da agricultura - o que explica, em grande parte, o motivo dessas culturas antigas terem atingido um desenvolvimento notável, ou, melhor dito, terem se distinguido tanto de outros grupamentos humanos.

Lacunas

Sobre a Mesopotâmia e o Egito temos uma informação relativamente grande, até porque a escrita dessas civilizações são inteligíveis ao homem moderno. Além disso, há traço contínuo de transmissão cultural e notícia histórica sobre essas culturas, fato que já não ocorre com a antiguidade indiana.

Sobre a civilização indiana no vale do rio Indus, sabe-se ainda muito pouco. Sua escrita de mais de 230 caracteres, por exemplo, até hoje não foi decifrada. Além disso, por volta do ano 1800 AC, algum fator ainda desconhecido provoca o colapso da Civilização



Sinete cilíndrico encontrado nas ruínas de Ur, cidade do sul da Suméria, na Mesopotâmia, atual Iraque. Notar os destaques dados ao cupim e ao olho do animal. A peça pode ser de origem indiana. Ur manteve ativo comércio com a Índia no II milênio AC.

do Indus e as fontes históricas “secam” pelos quase mil anos seguintes. Mas sabemos o suficiente para suspeitar fortemente que desde cedo já domesticavam o boi e o búfalo. Que boi? Um Guzerá? A partir de quando? Não sabemos precisamente, mas é possível que antes de 3.000 AC. No “Crescente Fértil” também não está preciso o momento em que os bovinos foram domesticados.

Limites

O fato é que a civilização do Indus estendia-se por todo o oeste da Índia,



Parelha de carro em bronze, encontrada no planalto do Decã, Centro-Sul da Índia, datada do II milênio AC. Teria sido importada da região do Vale do Indus. Embora estilizados, os animais sugerem um tipo cruzado de Guzerá com raças do norte, mais pernaltas, invariavelmente com chifres que jogam para trás, cabeça de ataúde e chanfro comprido.



Selo cerâmico datando de cerca de 3.000 AC, encontrado em Mohenjo-Daro. Acima do touro Guzerá estão caracteres da escrita ainda não decifrada.

inclusive pela atual província de Gujarat, berço do Zebu azulego. Lothal, um sítio arqueológico importante ao sul de Ahmedabad, sabe-se hoje, foi um porto e centro comercial destacado da civilização "dondus", que, está mais que comprovado, mantinha comércio marítimo com uma vasta região que ia pelo menos do sul da Índia ao Golfo Pérsico e Mesopotâmia. Os especialistas não têm mais dúvidas: o ouro que ornava jóias da Mesopotâmia tinha origem em Karnataka, no sul da Índia. O lápis-lazuli vinha de uma jazida no atual Afeganistão. Portanto é fantástico, mas não surpreendente: uma peça cerâmica de cerca de 2.500 AC, retratando um boi Guzerá, foi encontrada no sítio arqueológico de Ur, uma cidade mesopotâmica (Suméria), no sul do atual Iraque.

Bem, as imagens de bovinos na arte mesopotâmica, aliás, bastante comuns, mostram quase que invariavelmente um animal com formas de chifres (em lira, para cima) e de crânio muito próximo do atual Guzerá. É certo que esses animais não mostram o cupim pleno do Zebu, além de orelhas mais curtas e chifres mais finos. Importa lembrar, porém, que, enquanto a Índia tem um clima quente, mesmo nas faixas de latitude subtropical, a Meso-

potâmia já se mostra mais temperada. Não seria gracioso especular, em resumo, que os bovinos de tipo taurino - mas com chifres em lira de toda a região que se estende do Oriente Médio até o sudoeste europeu - possam ter uma influência de touros Guzerá importados da Índia na Antiguidade? Está nas várzeas do Iraque até hoje o búfalo indiano e é possível que sua introdução remonte à época aqui tratada. O búfalo teria passado por seus processos próprios de adaptação já que não havia búfalos de clima temperado para cruzamentos, enquanto que o Guzerá exportado para a Mesopotâmia encontrou tipos nativos já adaptados da mesma espécie para cruzar e transmitir seus genes.

Influência

A existência de raças azebuadas, francamente guzeratadas, no sul da Península Arábica e no Leste da África, segundo sempre se acreditou, deve-se a exportações indianas através da navegação do oceano Índico em períodos mais recentes, correspondentes à fase da Idade Média europeia, mas - agora - considera-se a hipótese de essa expansão do Guzerá ter ocorrido muito antes.

Essa expansão teria se dado não apenas na direção oeste, mas também para leste, atingindo outras regiões da Índia. Os especialistas não negam a influência do Guzerá em raças típicas do centro-norte da Índia, como a Haryana, a Kenhwaria e outras. Também algumas raças do sul da Índia, como a Kangayam, de pelagem mais azulega e chifres mais grossos, poderiam ser herdeiras desse possível comércio de reprodutores oriundos de Gujarat desde a antiguidade.

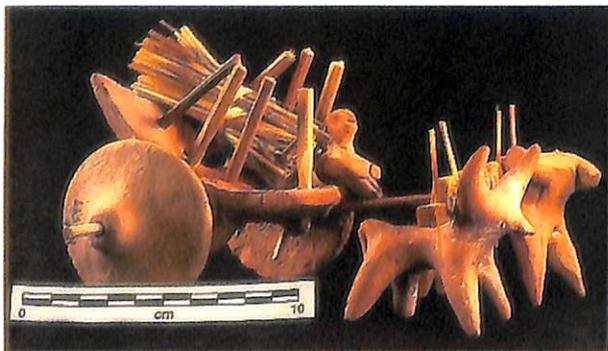
Os bem conhecidos primeiros trabalhos zootécnicos modernos sobre o Zebu, assim como o conhecimento tradicional indiano falam do Guzerá como raça usada no melhoramento e for-



São muitos os selos encontrados em Mohenjo-Daro e Harappa, sempre com o ancestral do Guzerá.



Extensão da influência ou domínio da Civilização do Indus (3.000-1.000 AC) - Como se vê, na área verde escura, o território se estende a oeste por todo o Golfo Pérsico até fazer limite com a Mesopotâmia. Para sudeste engloba toda a atual província de Gujarat e, ao norte, vai até os contrafortes do Himalaia, incluindo quase todo o atual Afeganistão. No mapa estão assinalados quatro dos principais sítios arqueológicos da Civilização do Indus, ou de Harapa, como chamam alguns: 1) Mohenjo Daro; 2) Harapa; 3) Mehgarh e 4) Lothal, este próximo à atual Ahmedabad, em Gujarat.



Carrinho puxado por "Guzerá", nas ruínas de Harappa.

mação de outras raças no próprio subcontinente indiano. O que está para ser melhor conhecido, a partir das insinuantes evidências, é o uso do Guzerá no Oriente Médio, especialmente na Mesopotâmia e sul da Península Arábica, e também na formação de tipos Zebu da África. ★

Texto de Eduardo Almeida

Guzerá é economia de pastagem

Aproveitar bem o capim... eis a ordem!

O primeiro passo de um pecuarista de bom-senso é cuidar do solo para que ele possa manter uma boa cobertura vegetal, evitando erosões, queimadas, etc. O segundo passo é plantar capins e forrageiras adequadas ao clima. O terceiro passo é introduzir apenas o gado adequado ao clima e às forragens disponíveis. O gado, portanto, é o terceiro fator na lucratividade de uma moderna fazenda.

Para que o gado seja pesado e grande é necessária comida, isto é, capim à vontade. Não tem sentido engordar bovinos com alimentos artificiais ou grãos porque estes deveriam ser destinados aos ser humano! Boi tem que comer capim, ou então não se trata da raça melhor adaptada à região, ou a vegetação não é adequada, ou ainda o solo está mal cuidado.

Ainda não se fez uma suficiente pesquisa sobre o desperdício de pastagens, no mundo tropical. O sol aniquila milhões de hectares de pastos, todos os anos e isso provoca o emagrecimento do gado. Os vegetais, no período de maior incidência dos raios solares, tornam-se frágeis e o próprio pisoteio acelera sua destruição.

Existem duas opções para o moderno pecuarista: a) ter muito capim na fazenda; b) introduzir um gado que consiga economizar pastagens. O melhor seria ter as duas coisas! Os capins adequados ao pisoteio prolonga-



Foto: Marcelo Cordeiro

do ainda estão em pesquisa. O mais acertado, enquanto isso, será adotar o gado que "encha a pança e deita para ruminar". Ele evita um acelerado desperdício de pastagens.

Todo fazendeiro quer ter um gado grande, pesado, lucrativo, que coma pouco, não beba, não fique doente e vá sozinho para o frigorífico (adágio popular). O gado certo na região certa tem muito de semelhança com esse gado pitoresco do adágio. Basta analisar detalhadamente... Um gado exageradamente pesado, grandalhão, é a ferramenta mais indicada para estraçalhar as pastagens! Ele come com a boca e liquida com as patas. Por isso é comum ouvir que se trata de "um gado de cinco bocas".

O Guzerá caminha lentamente pelas pastagens. Não é um andarilho à cata de alimento, quando este existe ao seu redor. Ele enche a pança e se deita. Deitar-se é uma virtude no mundo tropical, nunca um defeito! Isso sig-

nifica que ele poderá garantir um grande porte sem aniquilar as pastagens!

Raças ditas "modernas", sem pança, de pouco volume intestinal, retílineas no baixo ventre, não são adequadas ao clima seco, onde o sol fustiga as pastagens, ou onde o solo é pobre. É gado de região rica, fértil, chuvosa. Por isso, criar gado europeu num deserto tropical é uma estupidez! Já criar um camelo nessa mesma região seria correto, porque ele enche a pança e passa vários dias ruminando, sem necessidade de andar.

Quando as pastagens se tornam ralas, o Guzerá procura as ramas secas. Ele até aprecia capim fenado, ou subprodutos de agricultura. Existem experiências de alimentação de gado Guzerá com bagaço-de-cana seco, ou palha seca e até vegetais diversos secos, tratados com soda cáustica (para tornar tais produtos lenhosos mais digestíveis), com pleno sucesso, no Brasil. Por isso, o Guzerá já está aprovado como um gado acertado para o mundo tropical. ★





Guzerá no

UM OLHAR IBÉRICO QU

Preciosíssimo registro iconográfico, o *Códice Casanatense* é obra de autor português desconhecido e de data também incerta, mas que os historiadores concluem situar-se em "meados" do século XVI, ou seja, por volta de 1550. Em um momento, portanto, em que a colonização lusa na América do Sul ainda engatinhava, até porque o investimento de Portugal concentrava-se nas feitorias e no comércio com o Oriente, altamente lucrativo.

Quase que um "álbum fotográfico", ou "revista ilustrada" para a época, a intenção principal do *Códice* parece ter sido, realmente, retratar gentes, usos e costumes do exótico e fantástico Oriente. Os animais domésticos, por certo, não poderiam faltar. E o Zebu,

de fato, está lá. Muito provável que o gado Guzerá tivesse chamado a atenção dos observadores portugueses, e as aquarelas em estilo medievalesco europeu parecem retratar o imponente Zebu azulengo de Gujarat.

Gujarat foi um dos primeiros focos de atenção dos portugueses na Índia. Dos dois lados da boca do golfo de Cambaya os portugueses estabeleceram feitorias fortificadas: Diu, do lado oeste de Katiawar, e Damão, do lado leste. Essas possessões portuguesas permaneceram praticamente até 1961, quando, junto com Goa, mais ao sul na costa, foram retomadas pelo Gover-

no de Nova Delhi.

Diu e Damão tiveram problemas maiores que Goa para se desenvolver em face da beligerância logo estabelecida com o Sultanato de Gujarat, dominado por elite muçulmana, e que os portugueses chamavam de Reyno de Cambaya. Diu, por exemplo, sofreu dois cercos ferozes ainda na primeira metade do século XVI. Mas, em momentos de paz, emissários, embaixadas e comerciantes portugueses fizeram incursões pelo interior de Gujarat, sendo inevitável que tivessem feito contato com gado Guzerá, assim como Gir. Dangi, além de búfalos e camelos.

"Labradores do reino de Cambaya" - A figura mostra o uso do bovino no trabalho agrícola. O cupim dos bois está bem assinalado, assim como detalhes do cambador (arado) e cabresto, além do sinete no pescoço, ainda em uso hoje.



século XVI

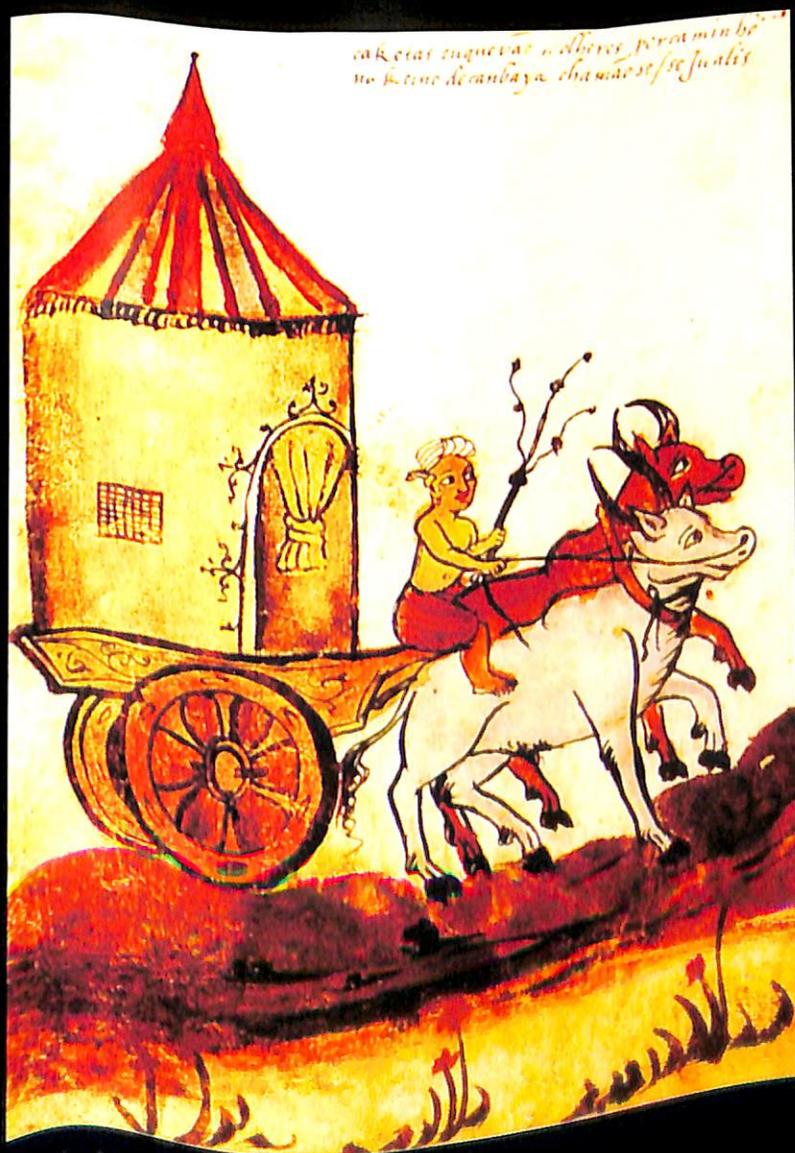
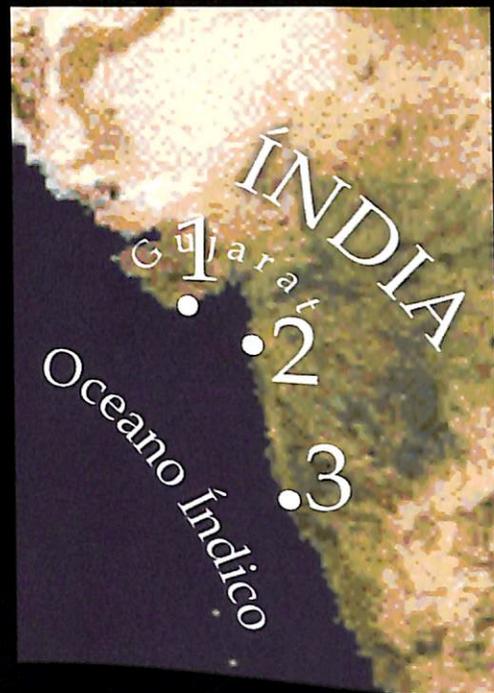
Eduardo Almeida

DESENHISTA SOBRE O ZEBU NA ÍNDIA

Os desenhos, de enorme valor histórico e etnográfico, apesar de seu estilo rústico e típico de então, complementam outras fontes de informações históricas: iconográficas e escritas, indianas, persas, árabes e portuguesas da época, devem ser analisados criteriosamente. Por um lado, evidenciam pequenos detalhes que chamaram a atenção do autor, por outro, como é comum, traem o olhar do desenhista, acostumado a padrões de formas e estética diferen-



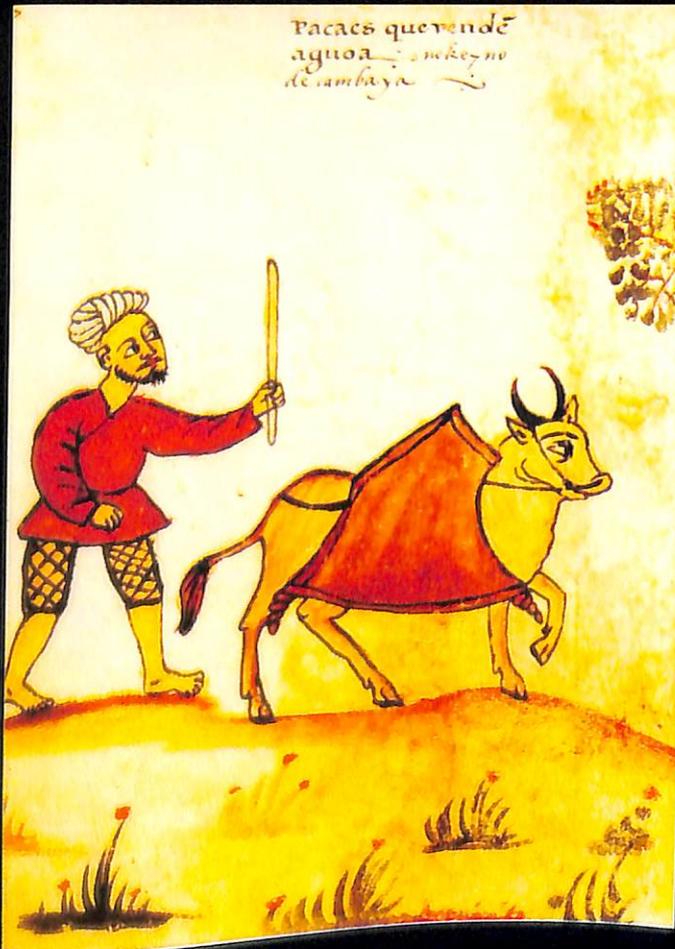
Posições portuguesas na Índia (sécs. XVI a XX):
1) Diu;
2) Damão;
3) Goa.



“Car[r]jetas em que vão mulheres per caminho no Reino de Cambaya [-] chamão se sejualis”. Nesta ilustração - apenas a metade da direita - os chifres já lembram mais o Guzerá, barbela e algo de bainha-prepúcio se assinala. Em compensação, o cupim está escassamente representado. Quanto à pelagem vermelha do animal em segundo plano, tanto pode ser real como “vício” de retratar pelagem mais comum de bovinos em Portugal, onde não se conhece a pelagem azullega. O lastro da carreta lembra bastante o estilo ainda hoje existente em Gujarat.



"Almocreves canaris. Gintios, que trazem trigo do balaguete a Guoa a vender". - Traduzindo: "almocreves (distribuidores de água) canaris (grupo étnico da região de Goa) que trazem trigo do Balagath (planalto Decan norte) para vender em Goa". Parece clara a distinção do Zebu aqui retratado, que corresponderia aos tipos missorianos, típicos desta região mais ao sul; podendo, talvez, ter mestiçagem com Guzerá e/ou Gir, que são raças de Gujarat, ou ainda sangue de Kangayam, de área mais ao sul. Chama a atenção a pelagem atribuída aos animais.



Pacaes que vendẽ
agua - no reyno de
de cambaya

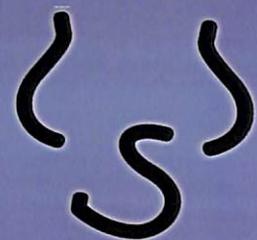
"Pacaes que vendem agoa - no reyno de Cambaya" - diz a legenda da ilustração aqui reproduzida apenas sua metade esquerda. Na outra metade é mostrado um camelo, montado por seu condutor e também com cangalha e pipa. Notar que, apesar das imprecisões anatômicas, é inequívoca a observação de peculiaridades do Zebu, como o formato da garupa e posterior e também de elementos culturais, a exemplo do cabresto de corda passando por furo no nariz, como até hoje se vê na Índia. É pouco provável que a pipa encangalhada pusesse peso sobre o cupim, que se mostra saliente sobre o que pode ser uma manta.



tes, de seu mundo europeu, no caso. Por exemplo: embora cupim e formato de posterior estejam em geral mais fidedelmente representados, o desenhista pode, às vezes, não salientar outros aspectos fisionômicos peculiares do Zebu como bainha, barbeta, orelhas. De resto, fica a demonstração cabal da grande antiguidade da intensa interação do Guzerá e outros zebuínos com o ser humano.

Fica ainda a tradicional pergunta: por que os portugueses - que introduziram entre nós muitas plantas asiáticas, como a manga, a jaca, a banana, os citrus, etc. - não trouxeram o Zebu, ainda que por etapas, via África?

Sucesso começa com



Melhor Expositor - Expozebu 2004
Melhor Criador - Expozebu 2004

GALÉ - S

768 kg

34 meses - 2ª Cria

Marquês AM (Impossível MF) X Cada S (Perseu S)

Campeã Vaca Adulta e Grande Campeã

ExpoZebu/2004



MACEDÔNIA TE S - 704 kg

21 meses 1ª cria

Besouro ROE x Birmânia II S (Perseu S)

Campeã Fêmea Jovem - ExpoZebu 2004

FAZENDA CANOAS

Antonio Ernesto de Salvo • Curvelo MG • (38) 9105-9892 • 9987-0660

Guzerá na fazenda:

Campeão de Desempenho

Já faz parte do cotidiano ouvir que, dentro de um curral repleto de animais de várias raças, é o Guzerá que mais se evidencia. As crias Guzerá são maiores, de maior musculatura e, por isso, destacam-se no meio das outras.

Também sempre se soube que o Guzerá era o que mantinha melhor peso e que, no final de um período verde seguido por seco, era o que apresentava maior peso. Em média, portanto, sempre foi uma raça que garantiu lucro para a fazenda. Depois, vieram as pesquisas...

Para analisar a conversão de capim em carne, foi realizada uma pesquisa oficial, publicada no livro "Exploração Leiteira", de Luis M. de Freitas/87, realizada pela PIPAE/MG. No mesmo local foram colocadas 20 cabeças Nelore, 20 Gir, 18 Guzerá e 18 Indubrasil, 19 mestiços de Holandês/Zebu e 20 mestiços de Charolês/Zebu (meio-sangue). O Nelore ganhou mais peso no período verde mais foi, também, o maior perdedor no período seco. O Indubrasil ultrapassou o Gir, no resultado final, em 12%. O Nelore ficou com 87% a mais que o Gir. O Guzerá ficou 51% acima do Nelore e 234% acima do Gir. O Guzerá engordou 139 kg, o Nelore 92 kg, o Indubrasil 68 kg e o Gir apenas 32 kg. Os resultados completos estão na Tabela 1.

Será que uma raça é melhor que outra? Talvez não. Apenas uma pode estar no lugar ou situação correta, en-

quanto as outras não estão. Toda raça é boa; cabe ao Homem saber utilizá-las com sabedoria!

É de pouca importância zootécnica o Peso-ao-Nascer, mas o peso obtido na desmama é um fator essencial na seleção. Somente boas matrizes conseguem desmamar crias saudáveis e pesadas. A pesquisa realizada na

F.E.C. Sertãozinho mostrou que o Guzerá é excelente raça, desmamando os machos com 199,1 kg contra 195,7 kg na raça Nelore (Ver Tabela 2).

Aos 12 meses também o Guzerá venceu a Prova no Campo, atingindo 230 kg contra 228 do Indubrasil e 202 do Nelore (machos). Já as fêmeas pesaram 199 kg contra 202 no Indubrasil e 176 no Nelore. Aos 18 meses os machos Guzerá pesaram 332 kg contra 304 da raça Indubrasil e 294 do Nelore. Já as fêmeas pesaram 254 kg contra 251 do Indubrasil e 236 do Nelore (Ver Tabela 3).

Isso explica porque, normalmente, as fêmeas adultas Guzerá são mais pesadas que as da raça Nelore, em média. O mesmo ocorre com machos, isto é, a raça Guzerá ultrapassa o Nelore aos 550 dias, chegando com 428 kg contra 414, 2 do gado branco de Ongole, segundo uma pesquisa da Embrapa (Ver Tabela 4)

O regime tropical tem suas pecu-



**Tabela 1 - Ganho de peso diário
- período verde e seco, regime de pasto**

Raça	130 dias, 1ª fase			150 dias, 2ª fase			Ganho Final
	20/12/72	08/05/73	Ganho diário	10/08/73	04/10/83	Ganho diário	
Gir	184 kg	229 kg	346 kg	206 kg	193 kg	- 240 kg	32 kg
Nelore	161 kg	260 kg	761 kg	193 kg	187 kg	- 486 kg	92 kg
Guzerá	164 kg	227 kg	484 kg	212 kg	203 kg	- 160 kg	139 kg
Indubrasil	191 kg	246 kg	423 kg	223 kg	210 kg	- 240 kg	68 kg
Hol./ Zebu	179 kg	240 kg	470 kg	226 kg	204 kg	- 240 kg	89 kg
Char./ Zebu	227 kg	263 kg	277 kg	248 kg	234 kg	- 260 kg	25 kg

Fonte: PIPAE, MG-1972/73

Que me desculpem os outros... Mas a beleza, é fundamental!



LUMA DA TIBUNA

Filha de Dengoso - Peso aos 27 meses: 615 kg
Grande Campeã da Raça - Teófilo Otoni/2003
Grande Campeã da Raça - Gov. Valadares/2003



MALÍCIA DA TIBUNA

Filha de Dengoso
Nasc.: 01/12/2002 - Peso aos 17 meses: 570 kg
1º Lugar categoria de 7 a 8 meses
(Gov. Valadares Julho/2003)
Campeã bezerra
(Feira de Santana Set/2003)
3º Lugar categoria de 16 a 18 meses
(Curvelo Maio/2004)
2º Lugar categoria de 18 a 20 meses
(Belo Horizonte Junho/2004)



NEVADA DA TIBUNA

Filha de Dengoso
Nasc.: 18/01/2003 - Peso aos 16 meses: 552 kg
1º Lugar categoria de 7 a 8 meses
(Feira de Santana Set/2003)
3º Lugar categoria de 15 a 16 meses
(Uberaba Maio/2004)
3º Lugar categoria de 15 a 16 meses
(Curvelo Maio/2004)



DENGOSO

Nascido em 28/02/1993 - Peso Máximo: 1.100 kg
·Campeão bezerro
(Teófilo Otoni Gov. Valadares e Nanuque , 1994)
·1º Prêmio Touro Jovem
(Uberaba Maio/1995)
·Campeão Gran Sênior
(Gov. Valadares Julho/2003)
·Reservado Campeão Progenie de Pai
(Gov. Valadares Julho/2003)
·2º Lugar categoria Gran Sênior
(Curvelo Maio/2004)
·1º Lugar categoria Gran Sênior
(Belo Horizonte Junho/2004)



GUZERÁ da TIBUNA

R. Romeu Gazzineli, 511 Apto. 201
Cep: 39800-000 • Teófilo Otoni • MG
(33) 3522-4949 (Com.) • (33) 3522-2530
(33) 9985-1150 • (33) 9985-3349

tibuna@uai.com.br

liaridades que precisam ser interpretadas para garantir sucesso na atividade pecuária. Os índices do Controle Oficial do Desenvolvimento Ponderal mostram que o Guzerá adquire o maior desenvolvimento sendo desmamado no pasto, depois estabilado até os 365 dias e, depois, podendo o criador optar por qualquer regime. Ou seja, a cria tropical passa o início de sua vida ao lado da mãe, depois é estabilada para garantir o crescimento e, a seguir, pode enfrentar a vida livremente. O Guzerá provou ser o melhor nesse sistema, como mostra a Tabela 5, onde sobrepujou o Nelore em cerca de 10% do peso, no final.

Também nos cruzamentos o Guzerá provou ter o melhor rendimento de carcaça. Foram testados vários cruzamentos com gado crioulo nacional, com reprodutores Guzerá, Nelore e Gir. Os mestiços provaram que tinham melhor desempenho na exata proporção de sua rusticidade. Os mestiços de Guzerá, aos 24 meses, pesaram 555,0 kg. Os mestiços de Nelore pesaram 537,5 kg e os mestiços de Gir pesaram 543,3 kg.

O Guzerá já passou pelos dois grandes testes de peso, a nível de criador. Foi levado para os Estados Unidos e lá engendrou as duas mais famosas raças ganhadoras de peso: o Brahman e o Santa Gertrudis. No Brasil, são famosos seus mestiços e, agora, os frigoríficos pregam a excelência do Guzonel. Para qualquer direção que se olhe em busca de um bom rendimento, tanto em carne como em leite, sempre o sangue Guzerá se faz presente marcadamente.

Não se pode esquecer que o Guzerá ganha muito peso, ao lado das demais raças, quando as pastagens estão verdes, mas é imbatível quando elas secam! Nesse momento, o Guzerá

Tabela 2 - Peso dos bezerros na desmama						
Sexo	Gir		Nelore		Guzerá	
	Quantidade	Peso	Quantidade	Peso	Quantidade	Peso
Machos	89	176, 9 kg	164	195,7 kg	116	199,1 kg
Fêmeas	81	161,8 kg	136	180, 2 kg	106	185,6 kg

Fonte: F.E.C. Sertãozinho, SP.

Tabela 3 - Peso no nascimento, aos 12 meses e aos 18 meses Prova de campo						
Raça	Nascimento		12 meses		18 meses	
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea
Indubrasil	28	25	228	202	304	251
Guzerá	28	27	230	199	332	254
Nelore	26	23	202	176	294	236
Gir	22	20	189	165	251	212

Fonte: "Reproducción y Genética Animal", pág. 300, Jorge Alba.

Tabela 4 - Desenvolvimento Ponderal - Comparação entre Guzerá e Nelore - 1986 (Regime estabilado)			
Raça	205 dias	365 dias	550 dias
Nelore	173, 0 kg	284, 8 kg	414,2 kg
Guzerá	171, 0 kg	274,0 kg	428,0 kg

Fonte: Embrapa/ABCZ, publicação oficial. Resultados gerais, 1986.

Tabela 5 - Desenvolvimento Ponderal Comparação entre Guzerá e Nelore (diversos regimes)					
Raças	205 dias no pasto	365 dia Estabilado	550 dias, no pasto	550 dias, Semiestabilado	550 dias, Estabilado
Nelore	149, 2 kg	246, 6 kg	288,9 kg	323,7 kg	360, 7 kg
Guzerá	142, 0 kg	235, 0 kg	321,0 kg	338,0 kg	391, 0 kg

Fonte: Embrapa/ABCZ, publicação oficial. Resultados gerais até 1986.

é único, provando que não é difícil "ganhar peso durante o período seco!" Sua

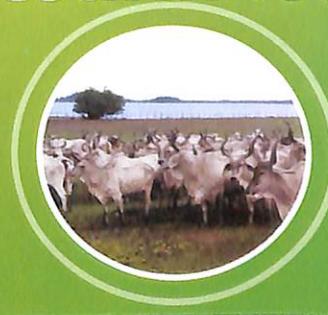
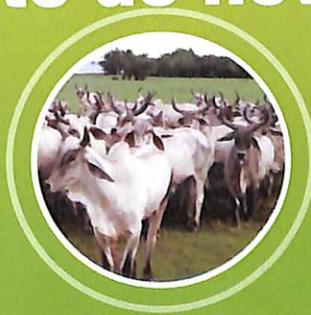
seleção milenar garante esse sucesso.





A SUA NOVA OPÇÃO EM GUZERÁ

Venda permanente de novilhas e tourinhos



Agropecuária CM LTDA.
Faz. São Francisco
Viana - MA Fone: (98) 351-1030

FAZENDA SÃO FRANCISCO
Celso Mendonça
Viana MA
(98) 9983-8069 • 351-1630

Nem gado de leite, nem gado de corte: GADO DE LUCRO

Virgílio Melo

A finalidade óbvia de qualquer exploração econômica é o lucro. Contudo, na pecuária bovina, a premissa de especialização por produto (carne ou leite) tem se sobreposto ao crivo da lucratividade. Ora, todo bovino é mamífero, portanto, nasce de uma fêmea produtora de leite. O fim mais provável do bovino é o abate, quando então será produtor de carne. Obviamente à parte, é necessário dizer que especialização na produção vem sendo confundida com profissionalismo e eficiência, em prejuízo do lucro.

Examinemos como esta noção da necessidade inexorável de especialização surgiu. Durante e logo após as Grandes Guerras, houve drástica redução da disponibilidade de alimentos na Europa. Períodos de fome e racionamento não foram incomuns. Os governos, após 1945, iniciaram programas de subsídios pesados aos produtores, para que aumentassem rápida e dras-

ticamente a produção de alimentos. Investimentos em biotecnologia também contribuíram para estes objetivos. Na pecuária, inseminação artificial e uso de sistemas computacionais acoplados a programas de melhoramento genético em larga escala tiveram grande impacto sobre animais e modos de produção. O importante era produzir muito, e não produzir a baixo custo. Os produtores, além dos subsídios, passaram a ter garantia de compra, por parte do Estado, de toda a produção excedente, a preços preestabelecidos. A preocupação vigente até a década de 1970 era de que os recursos alimentares não crescessem na proporção do crescimento demográfico (teoria de Malthus). A seleção genética para um pequeno número de características, própria das raças e explorações especializadas, daria resultado mais rápido, nestas circunstâncias, do que a de modelos de duplo propósito.

A partir de 1980, o mundo temperado passou a acumular grandes esto-

ques excedentes de produtos bovinos. Os cidadãos contribuintes começaram a questionar a manutenção dos subsídios agrícolas. Estes entram em lento declínio. Na década de 1990, países asiáticos e do oriente médio aparecem como grandes importadores de proteína animal. Embora ainda haja barreiras alfandegárias e subsídios, cada vez mais o mercado internacional de carne e lácteos passa a demandar qualidade com preços competitivos. Para se integrar a este ambiente qualquer país ou pecuarista necessita de baixo custo de produção, e não apenas alta produção por animal ou por área, como no tempo dos subsídios.

O futuro aponta para a redução progressiva dos subsídios. Também as turbulências globais recentes (queda das bolsas de valores em 1998, atentados nos Estados Unidos em 2001, doença da vaca louca, aftosa em vários países, oscilações climáticas, etc.) têm acrescentado volatilidade cada vez maior às cotações de carne



FAZENDA

Fontenelle

Seleção desde 1928



Haroldo Fontenelle

Tel: (27) 9977-4550 (fazenda) - (27) 3227-0375 (Vitória)
Caixa Postal: 64 - CEP: 29730-000 - Baixo Guandu-ES
www.guzeranf.com.br / guzeranf@zipmail.com.br



e leite no mundo. Tudo isto é próprio do sistema de mercado livre, e veio para ficar.

Os modelos de produção de duplo propósito são especialmente versáteis neste ambiente econômico. Não apresentamos argumentos teóricos, mas fatos concretos, inquestionáveis:

- Na Europa, desde o final da década de 1990, os produtores de leite só recebem subsídio estatal se mantiverem o bezerro ao pé da vaca (em vez de sacrificá-lo) até o desmame, ou como forma de reduzir a produção leiteira (e os estoques excedentes de lácteos mantidos pelo Estado). As raças de duplo propósito têm crescido e as leiteiras especializadas quase levadas à extinção. (*revista DBO*).

- No Reino Unido, berço de algumas das melhores raças de gado de corte, dois terços dos machos abatidos são da raça holandesa.

- Na Nova Zelândia, maior exportador mundial de lácteos, apesar da herança cultural britânica, a raça Holandesa tem sido a preferida para a produção de leite a pasto. Motivo: gera um produto adicional – machos viáveis para engorda, ao contrário das raças Jersey, Guernsey e Ayrshire (*revista DBO*).

- Hoje, no mundo, a maior parte dos animais abatidos vem da raça holandesa, pura ou em mestiçagem. Apesar da carcaça pobre, tem grande velocidade de crescimento, levando-nos ao aparente paradoxo: o Holandês é a maior raça de corte do mundo.

No Brasil, o sistema de pesquisa agropecuária federal foi idealizado por um agrônomo americano, partindo da premissa (equivocada) da especialização na produção bovina. Temos uma Embrapa – Gado de Leite em Juiz de Fora (MG), e uma Embrapa – Gado de Corte em Campo Grande (MS) que quase não se comunicam. Infelizmente, o foco de cada centro está coloca-

do no produto – leite ou carne – e não temos uma Embrapa – Gado de Lucro (foco no resultado econômico).

A história das últimas décadas no Brasil nos tem mostrado que a produção leiteira especializada (gado europeu, descarte dos bezerros machos ao nascimento, confinamento total, produções maiores que 15 kg/leite/vaca/dia) está em declínio acentuado. O desfile das liquidações de rebanhos que usaram toda a “tecnologia” disponível nos países temperados não deixa margem a dúvida quanto à inviabilidade de tal manejo entre nós.

Por outro lado, a pecuária de corte exclusiva é amiga de terras baratas, homogêneas e extensas. Estas estão sendo tomadas pela agricultura, muito mais rentável. A pecuária extensiva sempre existirá no Brasil, Argentina, Austrália e Estados Unidos, como já nos afirmava Preston, em 1977. Contudo, ocupará cada vez menos terra, mais distante e/ou de pior qualidade que aquela destinada a outras finalidades mais lucrativas.

Já a produção de leite no Brasil, a despeito de tudo que se divulga sobre a baixa rentabilidade e alto risco da atividade, vem crescendo as taxas anuais em torno de 5% há trinta anos. Isto é fato inquestionável. Será que tanta gente gosta de tomar prejuízo, ao longo de anos a fio? Ou estes pecuaristas que têm alavancado a produção brasileira de leite têm alguma fórmula de lucro, ao arripio da “tecnologia” preconizada por pós-graduados no estrangeiro que aqui pontificam?

Uma minoria de nossos pesquisadores da área tem se debruçado recentemente sobre o assunto, dispostos a rever os paradigmas. Analisaram o sucesso econômico dos sistemas de criação, em vez de centrar o foco na carne ou leite. Pequenas peculiaridades à parte, havia em comum nestas explo-

rações: produção de leite predominante a pasto; recria dos bezerros machos e venda de animais excedentes como parte importante da renda; uso de heterose zebu/europeu (especialmente genótipos F1); produções diárias entre 9 e 14 kg/leite/vaca/dia. A rentabilidade anual sobre o capital investido foi de 29 a 36%, em vários trabalhos, computadas todas as depreciações existentes, custo da terra, etc. Tais pesquisas foram realizadas com chancela da Embrapa, Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, Universidade de São Paulo (Álvares..., Holanda... etc.). Os dados foram obtidos a partir de sistemas comerciais de produção, com escala viável (de 1.000 a 10.000 litros de leite/dia). A rentabilidade, em cada região e em anos diversos, foi igual ou maior que a da cana e da soja.

Além disso, deve-se considerar os impactos ambientais e sociais da produção de carne e leite. Sistemas intensivos têm sido incriminados por poluição de cursos d'água. Por outro lado, a pecuária extensiva de corte quase não gera empregos. Também nisto a exploração mista leva vantagem: gera mais benefício social com produção auto-sustentável.

Em suma, a visão tradicional de que a pecuária de duplo propósito é igual a um ganso: “nada, anda e voa – todos três, mal”, é equivocada. Ela apresenta vantagens, em relação à produção especializada, quanto a oscilações do preço da carne e do leite, climáticas, justiça social e equilíbrio ambiental. Além do que, é mais lucrativa. Perguntem-no à CFM (1.000 litros de leite/dia), Hélio Coelho Vítor, de Passos (MG) (8.000 litros/dia), Tininho Carvalho, Muriaé (MG) (10.000 litros/dia). Ou será que alguém tem preconceito contra o lucro? ★

Virgílio Melo- é criador de gado Guzerá

OS DEZ MANDAMENTOS DA RAÇA GUZERÁ

1 - ATENÇÃO ÀS CRIAS – As fêmeas devem ser férteis, sem defeitos reprodutivos. O umbigo nos machos e úberes nas fêmeas não devem ser pendulosos p/ evitar ferimentos. A mortalidade das crias deve ser Zero. O rebanho pouco prolífico comete pecado mortal contra o 1º Mandamento do bom criador.

2 - GADO BOM, RESPIRA BEM – Só vive quem respira. As narinas do GUZERÁ são dilatadas, c/ focinho também dilatado, achatado em direção ao chanfro, saliente, formando um “anel” entre ambos. Amplitude torácica evidente. Bom volume de peito. Não confundir “abertura de peito” com “amplitude torácica”.

3 - COMER BEM, SEM DESPERDIÇAR – O GUZERÁ apresenta um grande volume do aparelho digestivo. Ele enche a pança e deita p/ ruminar. Bom animal é aquele que evita ficar perambulando à cata de alimentos, massacrando as pastagens. Alta conversão de vegetais em carne e leite tem origem em comer e deitar por várias horas.

4 - SAÚDE É FICAR EM PÉ – O GUZERÁ tem um andar elegante (passo de onça) e macio. Assim, ele amortece o grande peso sobre o capim. As fêmeas transportam o úbere cheio, com maciez. A pata traseira pisa adiante da dianteira. Tem fortes membros p/ andar pelas mon-

tanhas e alagados, tanto quanto nos desertos. O gado superespecializado de corte pisa com os membros mais verticais, aniquilando pastagens.

5 - UM ESCUDO DE DEFESAS - A proteção é feita pela PELE (fina, solta, c/ muitas rugas e dobras, muito móvel, de cor preta), através do PÉLO (fino e curto, sedoso, oleoso), ARCADAS ORBITÁRIAS (salientes, protegendo a visão, do excesso de luz e até das feras), OLHOS ELÍPTICOS (em direção perpendicular ao perfil, quando em alerta), ORELHAS (médias, muito móveis, ouvindo ruídos de todas direções), MUCOSAS (nasal, perineal, de cor preta ou bem escura).

6 - SUPREMA RUSTICIDADE – É o GUZERÁ a mais rústica das raças, porque foi plasmada em desertos, por vários milênios. É de fácil adequação ao mundo tropical. A mortalidade é baixíssima. Suporta longas caminhadas em busca de água ou alimentos. Quando um GUZERÁ sucumbe ao flagelo, todos os outros bovinos já morreram antes - diz um ditado nordestino.

7 - MUITA MANSIDÃO – Apesar de ostentar longos chifres, o GUZERÁ é manso, por natureza. Também apresenta um olhar meio “feroz” - devido às arcadas orbitárias, que obrigam a levantar a mandíbula, dando o aspecto de enfrentador. As linhagens leiteiras, no entanto, deixam claro que é uma

raça muito dócil. Ademais, já se sabe que a “mansidão” é um fator de seleção.

8 - LEITE À VONTADE – O GUZERÁ ultrapassa o volume de leite sugerido pela FAO para o gado tropical. Leite gordo, em ordenhas fáceis. As tetas pequenas e bem distribuídas permitem tiradas macias e ajudam a amamentação das crias.

9 - GRANDE E PESADO – Deve ser grande p/ garantir bons mestiços de corte, de trabalho ou de leite. Também p/ escalar montanhas ou atravessar pântanos e brejos. Tem ossos finos e achatados, cabendo mais carne na carcaça. Em regime de campo

já provou ter o Maior Ganho de Peso entre as raças zebuínas, no Brasil – nas Provas Oficiais.

10 - AS ARMAS DE ATAQUE - Só é grande quem sabe se defender. A defesa é uma virtude no gado, nunca um defeito. Os CHIFRES são médios, a ponta é rombuda, nunca muito afiada, a forma de lira é a mais indicada. Os CASCOS são pretos, pequenos e duros p/ andar em terrenos pedregosos e suportar longas caminhadas. A CAUDA é longa, fina, flexível, c/ vassoura na altura do jarrete, abundante, suficiente para expulsar insetos e moscas.

Elaboração: Rinaldo dos Santos, depois de consultar muitos criadores da raça.



NAO BASTA SER CAMPEÃO

Filhos de **BESOURO ROE**
premiados na Expozebu - 2004

ABELHA TE DA VIC

Besouro ROE x Talha S (Maiz S)
Res. Campeã Novilha Menor
Prop: Maria Victoria Bolivar Gomes



GRAFITE DA SAFRON

Besouro ROE x Mamona (Julião NF)
Campeão Júnior Menor
Prop: Safron Agropecuária



BANDOLEIRO TE BAU

Besouro ROE x Patagonia S (Cantão S)
Res. Campeão Touro Jovem
Prop: João Batista de Oliveira



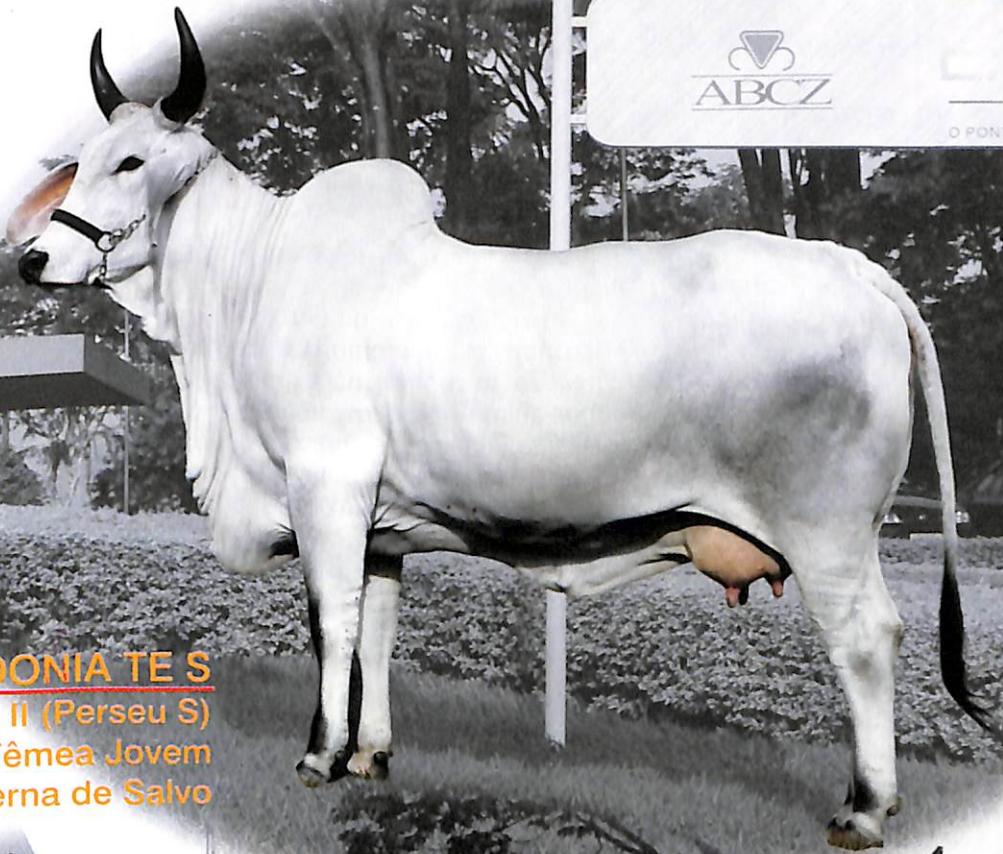
BESOURO ROE, Melhor Reprod

É NECESSÁRIO PROVAR!



ABCZ

O PONTO DE L...



MACEDONIA TE S

Besouro ROE x Birmania II (Perseu S)
Campeã Fêmea Jovem
Prop: Antonio Ernesto Werna de Salvo



CAMPEÃO PROGÊNIE DE PAI
Prop: Antonio Ernesto Werna de Salvo

SÊMEN:
Poucas Doses Disponíveis

FAZENDA E HARAS RABI
Renato Olive Esteves
Amparo SP
(19) 3839-4118
renato.esteves@uol.com.br

tor da ExpoZebu - 2004

O Guzerá nos cruzamentos ANTIGOS e MODERNOS

O Guzerá foi o primeiro zebu a ser adotado por suas aptidões. Tinha longas pernas, um volumoso ventre, ótimo no trabalho nos cafezais e na agricultura. Produzia leite e carne, era altamente rústico. Os mestiços eram excelentes, a ponto de o Brasil apresentar longas boiadas de animais guzeratados, enchendo de orgulho os fazendeiros de outrora.

A memória popular registrou as longas procissões de bovinos, com longos chifres, todos gordos e roliços. Até hoje, as crianças desenham, nas escolas infantis, os bois e vacas com chifres de Guzerá. O chifre, portanto, faz parte da subconsciência popular.

Mesmo modernamente, fora das fronteiras agrícolas, os anelorados, ao serem cruzados com Guzerá, estão produzindo rendosos mestiços de corte.

O Guzerá é o maior fabricante de raças mistas. Com maior tendência para o leite já se perpetuaram as seguintes raças: *Pitangueiras* (Guzerá x Red Poll), *Lavinia* (Guzerá x Schwyz), *Riopardense* (Guzerá x taurinos), *Guzolando* (Guzerá x Holandês PB). Com maior tendência para o corte, embora também produzindo leite suficiente para serem enquadradas como raças mistas, encontram-se: *Cariri* (Guzerá x Simental), *Indubrasil* (Guzerá x Gir/Nelore).

Os norte-americanos adquiriram o Guzerá e fabricaram, com ele, as raças Brahman (neozebuína) e o Santa

Gertrudis (bimestiça), notadamente para corte.

No Brasil, o uso do Guzerá é intenso no melhoramento das demais raças. Basta reparar as exposições: muitos animais já não se acanham de desfilar, muitas vezes, até com o título de campeões, com a pelagem típica que deveria ser exclusiva do Guzerá (!). Na Exposição Nacional de Uberaba/1986 havia 23 animais com pelagem de Guzerá, o que indica infusão recente de sangue: (4 Tabapuã, 6 Indubrasil, 1 Gir, 12 Nelore). Só um exame de DNA mitocondrial ou de "relacionamento filogenético" poderia demonstrar a influência do Guzerá nas demais raças. O certo é que tais campeões produzem milhares de filhos, pela via da inseminação artificial, e isso indica, também, a disseminação prodigiosa do sangue Guzerá, embora de forma "oculta".

Por conta dessa intensa e persistente procura, as matrizes e machos Guzerá não conseguem realizar o necessário aumento do seu próprio efetivo. Os bezerros e bezerras são comprados ainda novos para serem os melhoradores de outros plantéis, geralmente de outras raças ou cruzamentos. Historicamente, portanto, o Guzerá continua sendo um modesto rebanho. Justamente por ser um grande gado suas matrizes são utilizadas para fabricação de uma raça ou outra, ou para melhoria generalizada dos plantéis em todos os rincões. Por isso, os criado-



res orgulham-se de dizer que "o Guzerá é uma raça pequena, mas é a melhor, justamente por isso".

Quantas raças ou variedades conseguiram ser fabricadas, sem o sangue Guzerá? Apenas o Canchim (Charolês x Nelore) e o Ibagé (Angus x Nelore). Ambas em regiões onde ninguém tinha conhecimentos sobre o Guzerá, na época.

É interessante anotar que os criadores de mestiços chegam a conclusões surpreendentes. No início começam acasalando raças absolutamente diferentes: Guzerá com Red Poll, ou com Schwyz, etc. Mais tarde, em busca de melhor rusticidade/produtividade, adotam o Guzerá com o gado anelorado, preferindo sempre o gado com 1/4 de sangue taurino, no máximo.



Todo mundo
tem sua cara
metade.



Duprat

O Apollo tem todas estas.



Se você quer ter um plantel do nível do Apollo, vai precisar destas doadoras. Ainda bem que na Guzerá Ramenzoni você encontra o par perfeito para suas necessidades.


**Guzerá
RAMENZONI**

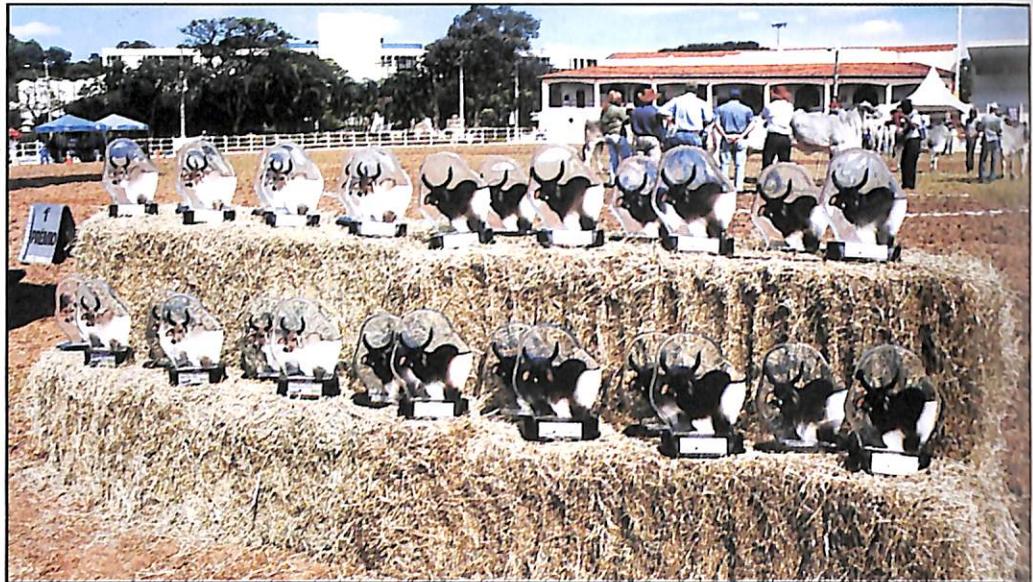
Fazenda Alvorada
Dante E. Ramenzoni

Tel (14) 3583 1332 Pirajui SP
www.guzeraramenzoni.com.br

44º Exposição Agropecuária Estadual de Minas Gerais – Guzerá

De 31 de maio a 13 de Junho, ocorreu em Belo Horizonte a 44ª Exposição Agropecuária Estadual de Minas Gerais, com forte presença da raça Guzerá. A praça vem reconquistando o status de grande cenário da raça Guzerá, a cada ano.

Campeãs: Bezerra: Campeã: 011 Tergal JA (213), Palestina Agropastoril Ltda., Unai (MG); **Reserv. Grande Campeã:** 007 Bavária Guzerati (130), Rodrigo Pinto Canabrava, Curvelo (MG). **Novilha Menor: Campeã:** 024 Napata TE S (104), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG); **Reserv. Grande Campeã:** 023 Adelaide da MF (074), Org. Mário A. Franco Agropec. **Novilha maior: Campeã:** 028 Taba TE JA (226), Paulo Emílio de Almeida Carneiro, Unai (MG). **Reservada Grande Campeã:** 037 Mare S (155), Alberto Francisco G. de Freitas, Curvelo (MG). **Fêmea jovem: Campeã:** 048 Macedônia TE S (099), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). **Reserv. Campeã:** 039 Francesa S. Claramar (157), Alberto Francisco G. de Freitas, Curvelo (MG). **Vaca adulta: Campeã:** 050 Jade TE da Vic (060), Maria Victória Bolivar Gomes, Curvelo (MG). **Reserv. Campeã:** 052 Helley CI 3 Marias (198), Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, Linhares (ES). **Gran Sênior: Campeã:** 060 Biba S (071), José Transfiguração Figueiredo, Governador Valadares (MG);

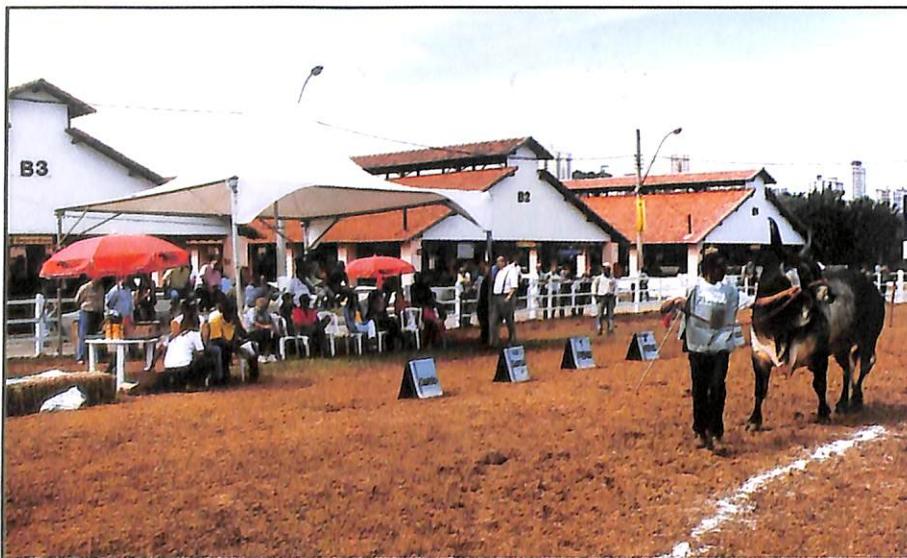


Troféus com efígie de Guzerá, em Belo Horizonte.

Reserv. Campeã: 058 Esperança S. Claramar (085), Alberto Francisco G. de Freitas, Curvelo (MG). **Grande Campeã:** 048 Macedônia TE S (099), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). **Progênie de mãe: Campeã:** 121 Manacá S (510), Maria Victória Bolivar Gomes, Curvelo (MG); **Reserv. Campeã:** 115 Copacabana (504), Palestina Agropastoril Ltda., Unai (MG).

Campeões: Bezerra: Campeão: 070 NGAO TE S (102), Antônio Ernesto W. de Salvo, Curvelo (MG); **Reserv. Campeão:** 076 Bumba TE da Vic (062),

Maria Victória B. Gomes, Curvelo (MG). **Júnior menor: Campeão:** 079 Tabaqueiro JA (216), Palestina Agropastoril Ltda., Unai (MG); **Reserv. Grande Campeão:** 083 Manah TE da Vic (058), Maria Victória Bolivar Gomes, Curvelo (MG). **Júnior maior: Campeão:** 095 Caruso TE da Vic (064), Maria Victória Bolivar Gomes, Curvelo (MG). **Reserv. Campeão:** 090 Horácio da Xarq. (037), Ione Filgueiras Vasconcelos Epifânio, Felixlândia (MG). **Touro jovem: Campeão:** 098 Mangue TE S (098), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). **Reserv. Campeão:** 097 Perceve TE da Vic (089), Maria Victória Bolivar Gomes, Curvelo (MG). **Sênior: Campeão:** 105 Taleban TE da Vic (066), Maria Victória B. Gomes, Curvelo (MG); **Reserv. Campeão:** 101 Brunei da MF TE-078, Criador: Org. Mário A. Franco S/A Agropec. **Gran Sênior: Campeão:** 108 Signo AM (218), Palestina Agropastoril Ltda., Unai (MG); **Reserv. Campeão:** 107 Vagão das Flores (019), Aloysio de Paula Penna, Curvelo (MG). **Grande Campeão: Grande Campeão:** 105 Taleban TE da Vic (066), Maria Victória B. Gomes, Curvelo (MG). **Reserv. Grande Campeão:** 098 Mangue TE S (098), Antônio Ernesto W. de Salvo, Curvelo (MG). **Progênie de pai: Campeão:** 117 Abaeté (506), Paulo Emílio de Almeida Carneiro, Unai (MG). **Reserv. Campeão:** 120 Besouro Roe (509), Maria Victória B. Gomes, Curvelo (MG). ★



O Guzerá teve boa representação em Belo Horizonte.

Exposição de Curvelo (MG)

De novo, um grande espetáculo do Guzerá

O 10º Leilão Guzerá Curvelo, promovido por Antônio Ernesto W. de Salvo, realizado em 22 de maio de 2004, teve um total de 76 animais, em 42 lotes. Novamente foi o grande destaque do evento, a comercialização atingiu a cifra de R\$ 1.148.700,00, ou média de R\$ 27.350,00. Por animal, a média foi de R\$ 15.114,50.

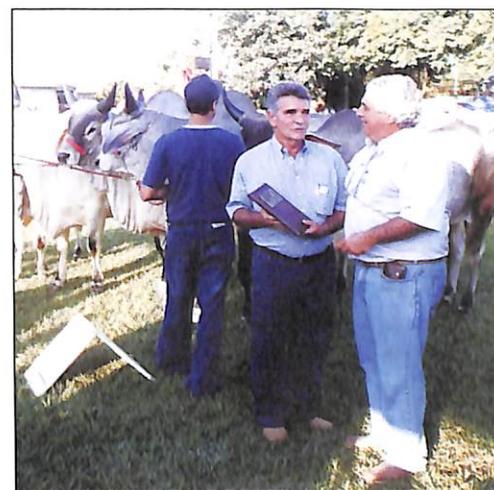
Campeões: Bezerra: *Campeã:* 011 Guz Barra Copa II FI (073), Roberto Ignácio Neszlinger, Botucatu (SP). *Reserv. Campeã:* 023 Alegria WG (046), Fazenda Garcia Ltda - Rio de Janeiro. Novilha menor: *Campeã:* 050 Napata TE S (104), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). *Reserv. Campeã:* 044 Abelha Te da Vic (128), Simone Aparecida Domingues, Amparo (SP). Novilha Maior: *Campeã:* 094 Francesa S.Clamar (157), Alberto Francisco G. de Freitas, Curvelo (MG). *Reserv. Campeã:* 068 Taba TE Ja (226), Paulo Emílio de Almeida Carneiro, Unaí (MG). Fêmea jovem: *Campeã:* 108 Macedônia TE S (099), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). *Reserv. Campeã:* 106 Beliza TE do Baú (081), João Batista de Oliveira, Curvelo (MG). Vaca adulta: *Campeã:* 126 Gale S (101), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). *Reserv. Campeã:* 121 Alice da Morumbi (170), Leizer Divino de Castro Valadão, Luziânia (GO). Gran Sênior: *Campeã:* 138 Copacabana Peac (218), Palestina Agropastoril Ltda., Unaí (MG). *Reserv. Campeã:* 140 Geleia TE Taboquinha (140), Sinval Martins de Melo, Governador Valadares (MG). Grande Campeã: *Grande Campeã:* 126



Recinto com muitos animais, como sempre.

Gale S (101), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). *Reserv. Gde. Campeã:* 121 Alice da Morumbi (170), Leizer Divino de Castro Valadão, Luziânia (GO). Progênie de mãe: *Campeã:* 227 Manacá S (307), Maria Victória Bolivar Gomes, Curvelo (MG). *Reserv. Campeã:* 221 Nádia S (301), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG).

Campeões: Bezerro: *Campeão:* 159 Barroco TE Maia (125), Alberto Marques da Silva Maia, Curvelo (MG). *Reserv. Campeão:* 145 NAGAO TE S (102), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). Júnior menor: *Campeão:* 180 Moure TE CI 3 Marias (197), Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, Linhares (ES). *Reserv. Campeão:* 177

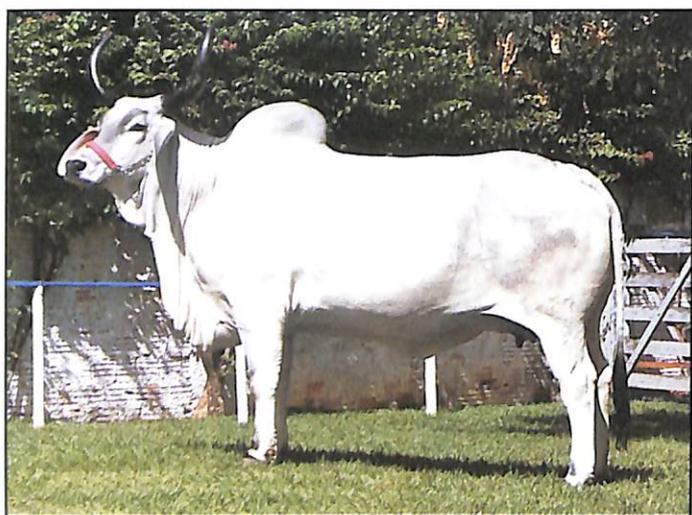


Renato Esteves entrega o troféu para Antônio Ernesto de Salvo.

Guz da Barra EJAL TE (068), Roberto Ignácio Neszlinger, Botucatu (SP). Júnior maior: *Campeão:* 195 Mangue TE S (098), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). *Reserv. Campeão:* 196 Percev TE da Vic (189), Pedro Bitencourt Ferraz, Vitória da Conquista (BA). Touro jovem: *Campeão:* 207 Bاندoleiro TE Baú (080), João Batista de Oliveira, Curvelo (MG). *Reserv. Campeão:* 202 Guz da Barra Dante (075), Jorian Matias da Silva, Ceará Mirim (RN). Sênior: *Campeão:* 214 Taleban TE da Vic (066), Maria Victória Bolivar Gomes, Curvelo (MG). *Reserv. Campeão:* 213 C.Neon Islan (108), Amílcar

Vencedoras do Concurso Leiteiro.





No dia-de-campo na Fazenda Pequizeiros, de Rodrigo Canabrava, destacou-se Cada-S que seria, depois, recordista do Leilão de Curvelo.

(Foto: Marcelo Cordeiro)



Na Fazenda Pequizeiros, Ari Aranha

Campeonato do Concurso Leiteiro de Curvelo

Farid Yamin, Porto Feliz (SP). Gran Sênior: *Campeão*: 217 Vagão das Flores (019), Aloysio de Paula Penna, Curvelo (MG). *Reserv. Campeão*: 218 Dalem S (154), Alberto Francisco de Freitas, Curvelo (MG). Grande Campeão: *Grande*

Campeão: 214 Taleban TE da Vic (066), Maria Victória Bolivar Gomes, Curvelo (MG). *Reserv. Gde. Campeã*: 180 Moure TE CI 3 Marias (197), Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, Linhares (ES). Progenie de Pai: *Campeão*: 243 Besouro Roe (323), Antônio Ernesto Werna de Salvo, Curvelo (MG). *Reserv. Campeão*: 239 Corona Islan Arr. TE (319), Amílcar Farid Yamin, Porto Feliz (SP). ★

1.100 kg no pasto esbanjando "RAÇA"

A Fazenda Diamantina tem a satisfação de mostrar o maior Nelore da região cacauzeira. Trata-se do **5984 DA PAZ**, com 1.100 kg, exclusivamente a pasto, fruto de 46 anos de seleção extensiva. Sua expressão racial é bastante apreciada, com seus aprumos, volume de carcaça e musculatura diferenciada, que nos dá a indicação para fazer a coleta de sêmen e avaliação da sua progênie.

Por estes motivos oferecemos a sua genética para juntos aumentar a nossa produção, sempre visando o Boi Verde para exportação.



FAZENDA DIAMANTINA
Espártaco Mendonça Teixeira

Ipiaú - BA

Fone: (73) 531-1123 / 9974-3419



desde
1963



Guzerá da Pinheiro

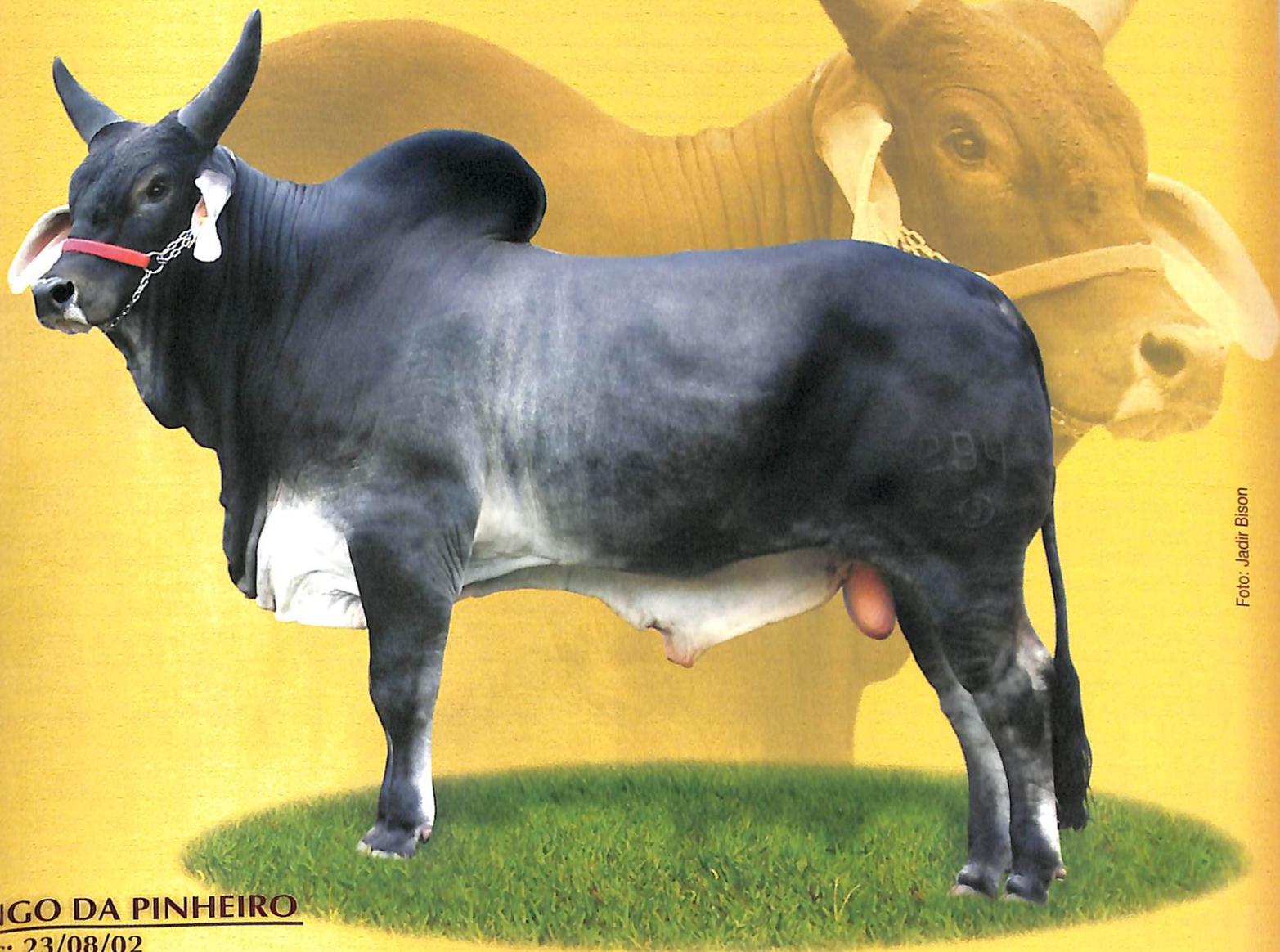


Foto: Jacir Bison

HINGO DA PINHEIRO

Nasc: 23/08/02

Episódio da MS (Acari RF) x Abiotica (Rajado)

Campeão Júnior Menor e Res. Grande Campeão Cornélio Procópio/03

Campeão Júnior Menor e Grande Campeão Londrina/03 (Euro Zebu)

Campeão Júnior Menor e Res. Grande Campeão Umuarama/04

Campeão Júnior Maior e Res. Grande Campeão Londrina/04

Campeão Júnior Maior e Grande Campeão Maringá/04

Campeão Júnior Maior e Res. Grande Campeão Três Lagoas/04

Campeão Júnior Maior Expozebu/2004.

Sêmen à venda:
Araucária Genética
(43) 3315-3500

AGROPECUÁRIA PINHEIRO DA SANTA INÁCIA

José Orlando Duarte

Fone/Fax (43) 3027-5268 9992-9141

lelisduarte@uol.com.br

Londrina PR

Expo Governador Valadares:

Torneio Leiteiro contou com 20 vacas Guzerá !!

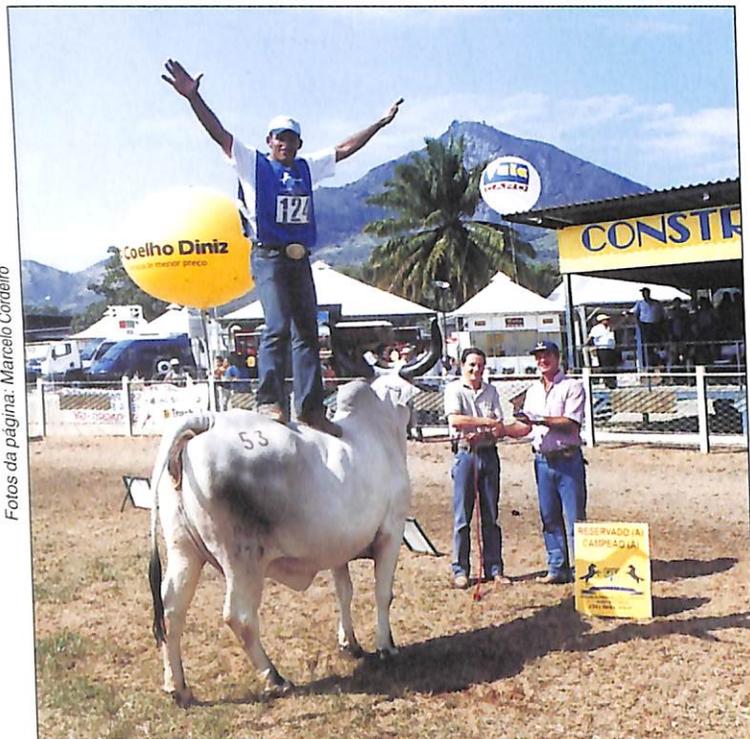
Nos dias 03 a 11 de Julho, em Governador Valadares, aconteceu a 35ª Exposição, onde houve concurso leiteiro da raça Guzerá e o II Leilão Guzerá Duplo Provado. Na exposição estavam 241 animais da raça Guzerá, de 31 expositores dos Estados: RJ, ES, BA, MG, SP, DF.

O Torneio Leiteiro foi a sensação, pois - sem dúvida - é um recorde nacional. Contou com 20 vacas Guzerá, fato nunca presenciado em nenhuma outra raça zebuína. Ali estavam oito expositores, provenientes do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

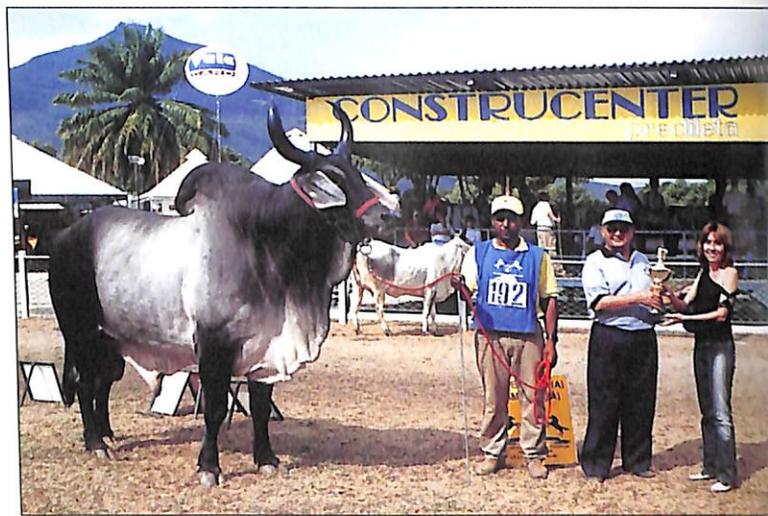
A média das 20 vacas foi 22,5 kg/dia - uma grande marca. As campeãs na categoria Vaca Adulta foram: Malta JF - com 32,043 kg; Jazida Taboquinha - com 27,750 kg; Brossa



Talebán da Vic - Grande Campeão, com Maria Victória e Agostinho (Faz. Sula).



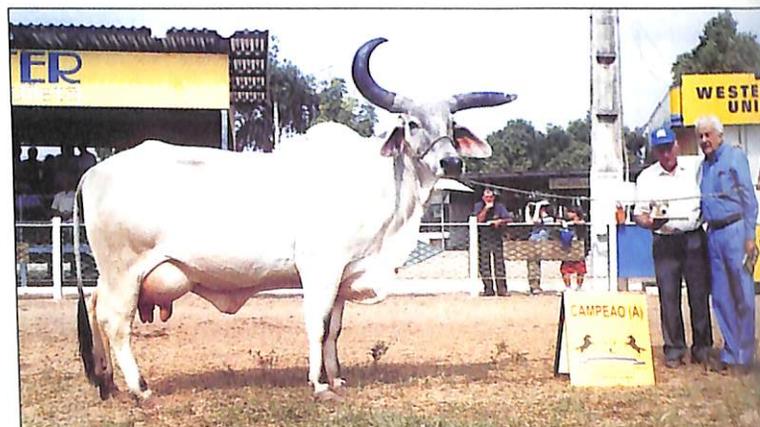
A Campeã Vaca Jovem mostrou mansidão na pista.



Srta. Agostinha (Faz. Sula) recebe o prêmio de Hércules do Rosário.



Jazida Taboquinha atingiu 27,750 kg no Concurso Leiteiro. Carlos Amaral entregou o troféu a Dr. Sinval Melo.



A Campeã de Leite, Malta JF, atingiu 32,043 kg de média. Dr. Manelito entregou o troféu a José T. Figueiredo.

Fotos da página: Marcelo Cordeiro

Pista de Julgamento.

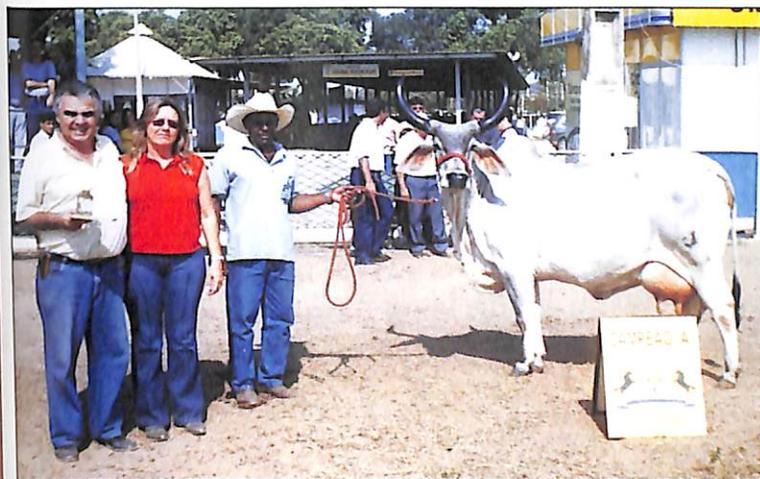


Fotos da página: Marcelo Cordeiro



Os promotores do Leilão Duplo Provado:
Ricardo e Dr. Hércules (Faz. Rosário);
Marcos e Dr. Sinval Melo
(Faz. Taboquinha);
Marcos e Dr. José Figueiredo
(Guzerá-JF).

A Casa do Guzerá
era o Ponto de Encontro
dos guzeratistas
em Governador Valadares.



Campeã de Melhor Úbere, Ilusão da Nova Floresta,
de Luiz Victor.

CL - com 26.648 kg. Na categoria Vaca Jovem venceu Itapema do Rosário – com 18,0 kg. A campeã de matéria gorda foi Maíra-JA, com 8%. A campeã de Melhor Úbere foi Ilusão da Nova Floresta.

Campeões de Pista

- **Grande Campeã:** Macedônia Guzerati, de Rodrigo Canabrava - Curvelo (MG). - **Res. Grande Campeã:** Malunga S, da Fazenda Garcia - Rio de Janeiro (RJ). - **Grande Campeão:** Taleban TE da Vic, de Maria Victória B. Gomes - Curvelo (MG). - **Res. Grande Campeão:** Pálio RF, de Roberto Martins Franco - Sales de Oliveira (SP). - **Melhor**



Expositora e Criadora: Maria Victória Bolivar Gomes - Curvelo (MG).

II Leilão Guzerá Duplo Provado

O faturamento total foi de R\$ 912.100, com média de R\$ 17.210. O animal mais caro foi Acauã JF, que atingiu R\$ 74.200, tendo sido adquirido pelo condomínio formado por Alberto Francisco Gonçalves de Freitas, Antônio Ernesto Werner de Salvo e Rodrigo Canabrava. Em seguida, outros disputados animais foram: Cabiúna JF - R\$ 36.400,00; Rebeca JF - R\$ 29.400,00; Brossa CL - R\$ 28.000,00; Décima S - R\$ 28.000,00. Os maiores compradores foram: Walter Santana Arantes, Maria Victória Bolivar Gomes e José Transfiguração Figueiredo. ★

Social



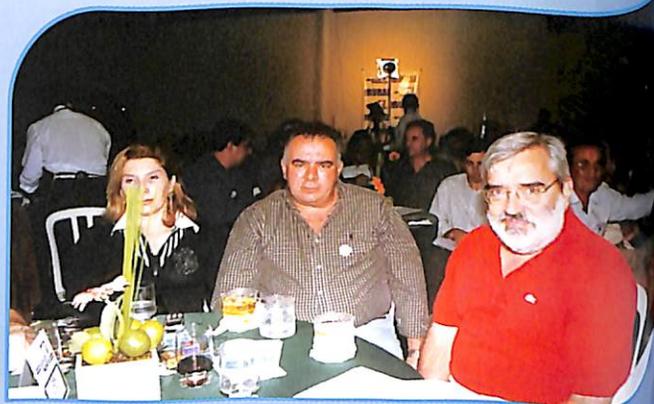
Zânia Collier,
Camillo Collier Filho
e esposa, de Pernambuco



Juliana Penna,
Denise de Abreu
e Ione Epiphânio



Haroldo Fontenelle, Isidoro e Heloisa, Ari Aranha.



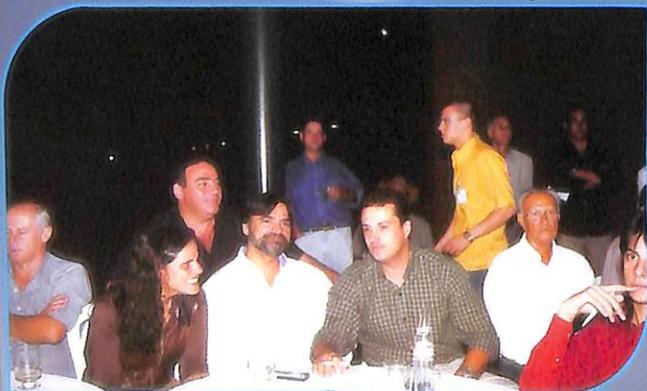
João Nadal e esposa com Paulo Emílio,
da Fazenda Palestina.



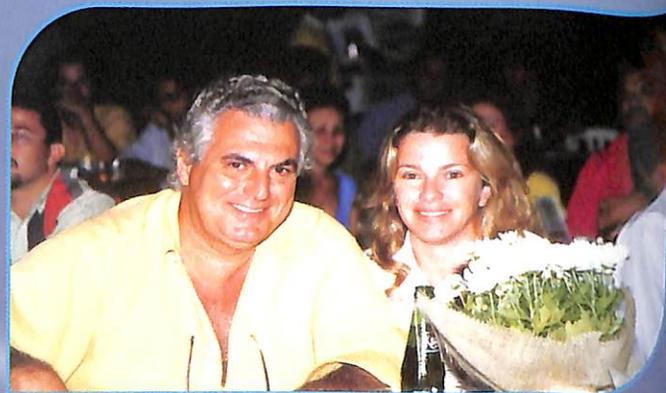
Leandro Botelho, Gleisilene Botelho Neiva, Alessandra Macedo,
Catarina Carraretto Barreto, Alita Quadros Ferraz,
Leiliane Silva Rocha Rego



Carlos Amaral (DF) e esposa com Liliane de Abreu (RJ).



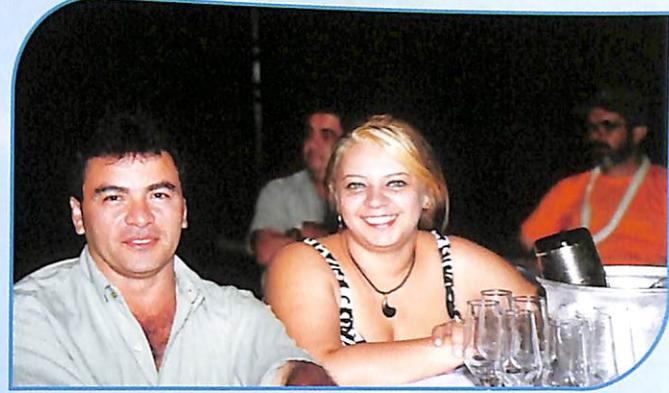
Paola Gazinelli e Carlos Alberto Neztker



Renato Esteves (SP) e esposa.



Marcos, Virgílio e Dr. Sinval, da Fazenda Taboquinha (MG).



Jorian Matias (RJ) e esposa.



...ião (ES), Pedro Bittencourt (BA), Benício Cavalcanti (BA).



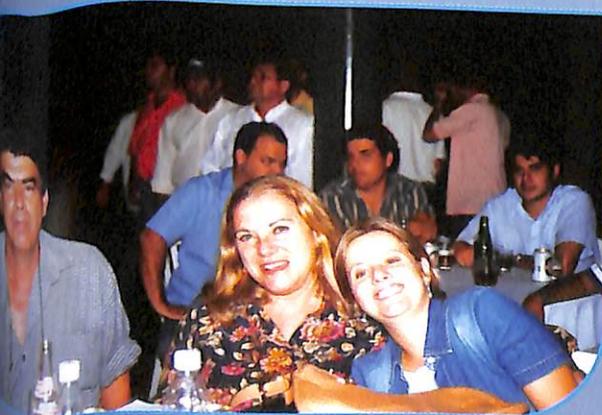
Allyson (PA) e Luiz Victor (RJ).



Carlos Pontual (PE), Antônio Ernesto de Salvo (MG) e esposa, Toninho de Salvo e esposa (MG).



Mário Franco Filho (MG) e Marco Antônio Barbosa (MG).



Américo, esposa e filha (MG).



Maurício (da Corona), Aldo Tonetto, Amílcar F. Yamin, Marcos Tonetto, Ângelo Tonetto, todos de SP.

Depoimento do presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Antônio Ernesto de Salvo, sobre Aluísio Penna para a família Guzeratista.



Rebanhos no Céu

Nossa raça cresce a cada dia, mais gente se junta a nós e o grupo vai crescendo. Seria bom que só crescesse. Mas, de vez em quando, se perde alguém. E como perdemos Aluísio, não há quem o substitua, na sua alegria, na espontaneidade, na presença sempre constante, no amor pela raça, pelo trabalho.

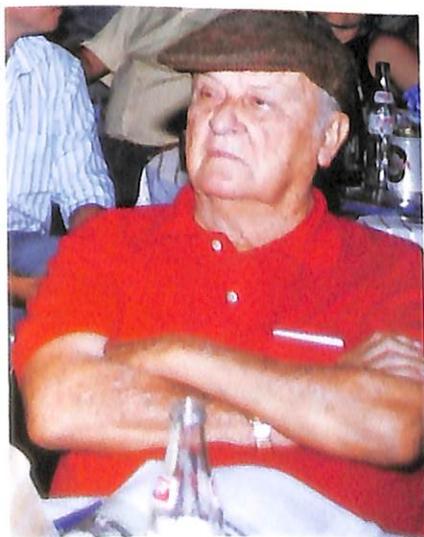
Junta-se a muitos, que não estão mais entre nós. Em algum lugar, eles receberam de braços abertos

o novo companheiro e, certamente, vão continuar, de alguma forma, o trabalho que deixaram incompleto aqui na terra.

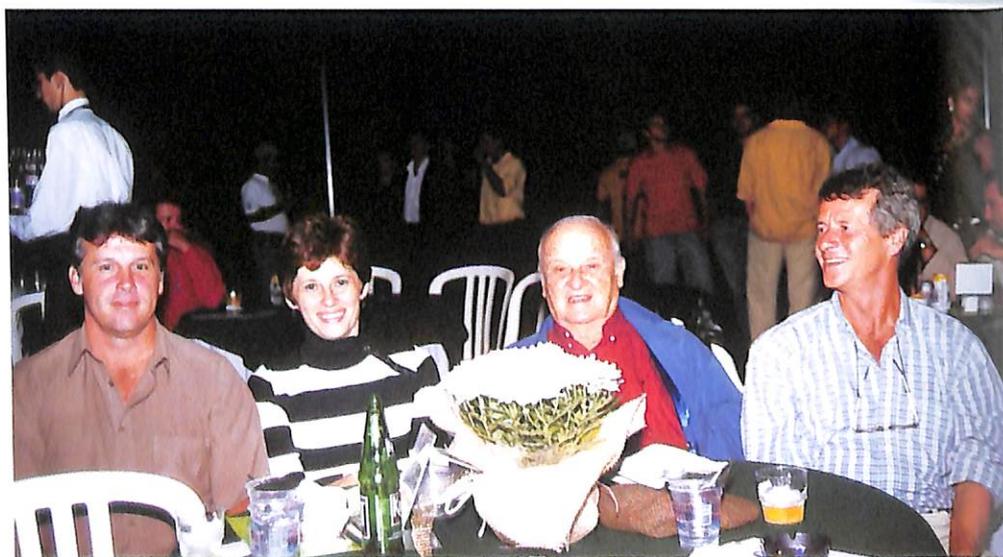
Há de haver um céu para o Guzerá. E, nesse céu, ele lá está, com os outros amigos. A tristeza só não é maior porque, o que Aluísio fez, já foi continuação do que outros fizeram: o pai, a mãe e o irmão Adauto. E é, também, um patamar para os que deixou e que vão, com certeza, continuar a fazê-lo.

Ele se foi, mas deixou Vânia, deixou Marisa, deixou Juliana, deixou Isabela, Antônio, Fernando e Gulu, que certamente vão prosseguir no seu trabalho. Que o Deus o guarde! O Guzerá está de luto, mas os filhos vão seguir as obras dos pais, dos tios e dos avós.

Antônio Ernesto de Salvo



Sr. Aloísio: décadas dedicadas à raça Guzerá.



Sr. Aloísio e família no leilão. A família era seu maior orgulho.

Investimento Expulso

Paulo Ricardo de Souza Dias



Enquanto passavam lotes e mais lotes de novilhas Angus da melhor qualidade pela minha frente, levei os olhos mais acima e perdi minha visão profissional de quem avalia tecnicamente os animais e passei a ver outro quadro.

Na coxilha onde fica as mangueiras da Fazenda Invernada, observam-se as centenas de barracos em meio à chirca e todo o tipo de sujeira de campo. E esse abandono contrasta com o melhoramento ambiental e genético que uma empresa rural organizada - que investe em tecnologia e conta com colaboradores vocacionados e bem preparados - pode fazer.

Vem à memória o passado e lembro das várias semanas que passamos acampados em outra coxilha próxima, fazendo o contraponto, mostrando a agressão que o MST fazia não só àque-la propriedade, mas a todo o direito de propriedade e denunciando o cunho político e ideológico deste movimento invasor.

Com a repercussão nacional que o caso teve e a Fazenda Ana Paula se tornando uma bandeira do produtor, pôde se mostrar à opinião pública, a realidade que vive o campo. Por um lado, o Agronegócio Brasileiro, baseado em propriedades rurais geradoras de emprego e renda, geradoras de alimentos para a nação e também para exportação. Por outro lado, mostra um grupo que não tem compromisso com o social, nem com a terra que por chantagem e ameaças recebeu, nem com todo o dinheiro gasto em um programa de Reforma Agrária equivocado.

Dinheiro esse, escasso para Educação, Saúde, Segurança, que poderia melhorar o salário do trabalhador brasileiro, mas que é bastante, para ir para o ralo deste programa sem retorno social e sim mero assistencialismo.

Mas, as agressões sofridas pela Fazenda Ana Paula não pararam com a reintegração de posse. Continuaram com o roubo de gado, destruição de

cercas, queimas de campo e ameaças a funcionários.

Com aquela invasão e os contínuos ataques, perdeu-se também o estímulo de continuar o projeto Ana Paula, que ia além do crescimento de uma empresa, significava o crescimento de uma região através de

grandes investimentos, tanto na área de produção animal e vegetal como também, na Agroindústria.

Investimentos tão escassos e tão procurados foram expulsos do País.

A Fazenda Ana Paula está indo embora e fica isso que vejo à distância; terras abandonadas, pessoas jogadas vivendo às custas do erário público e dos saques às propriedades rurais vizinhas.

**Resta para nós,
continuarmos lutando,
lutando pelo direito
de propriedade e pelo
crescimento social
e econômico,
pelo esclarecimento
da opinião pública
e pelo futuro do Brasil.
E nós venceremos!**

Isso, nos leva a outra visão. A da-queles que ficam, que não tem para onde ir, estão presos a esta realidade e só resta continuar lutando pelo direito de trabalhar e alimentar esse país.

Relembro a frase do Ernesto, que penso jamais esquecer. "Fiz tudo certo, investi nas melhores terras, no melhor gado, contratei os melhores técni-

Hoje, as máquinas deveriam estar trabalhando na fazenda Ana Paula e... não estão. Que pena!



cos, só errei numa coisa, errei de país".

Este empreendedor, de visão extraordinária, tanto para negócios como para vida, também se mostrou parceiro, foi corajoso e ético, prometeu e cumpriu com a promessa de não entregar suas terras ao movimento invasor.

Nos resta agora lamentar, lamentar a perda do sonho da "Paraíso". Nos resta lamentar a perda de uma empresa geradora de renda e empregos, geradora de um modelo de produção que quebrou paradigmas e nos alargou a mente. A perda de uma perspectiva de crescimento regional.

Lamentar não ter mais o Angus da Ana Paula nas pistas de julgamento e remates da rural de Bagé.

Lamentar que tantos técnicos capazes e amigos vão servir a outra Pátria. Nos resta lamentar que poderia ter sido diferente.

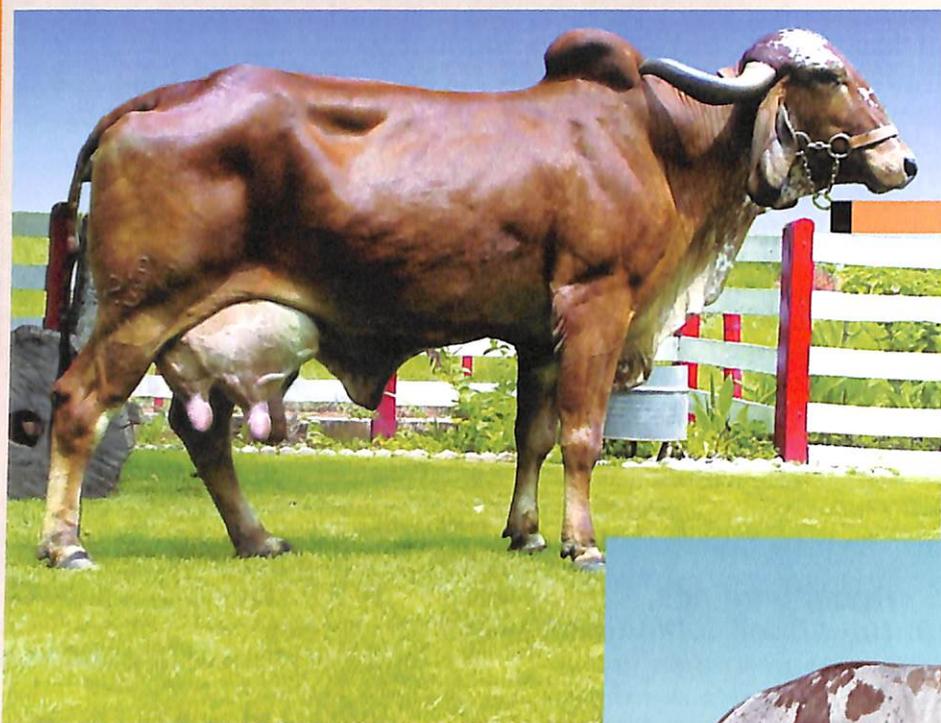
Mas, também nos resta desejar sucesso a eles, que por suas capacidades é garantido, parabenizar o País que os recebem, que certamente vão poder usufruir daquilo que perdemos.

Resta para nós, continuarmos lutando, lutando pelo direito de propriedade e pelo crescimento social e econômico, pelo esclarecimento da opinião pública e pelo futuro do Brasil. E nós venceremos!

Paulo Ricardo de Souza Dias - é Presidente da Associação e Sindicato Rural de Bagé (Publicação - 28/07/2004)

Temos o Gir e o Gir

O Gir da São José é puro e leiteiro, resultado de 35 anos de rigorosa seleção.

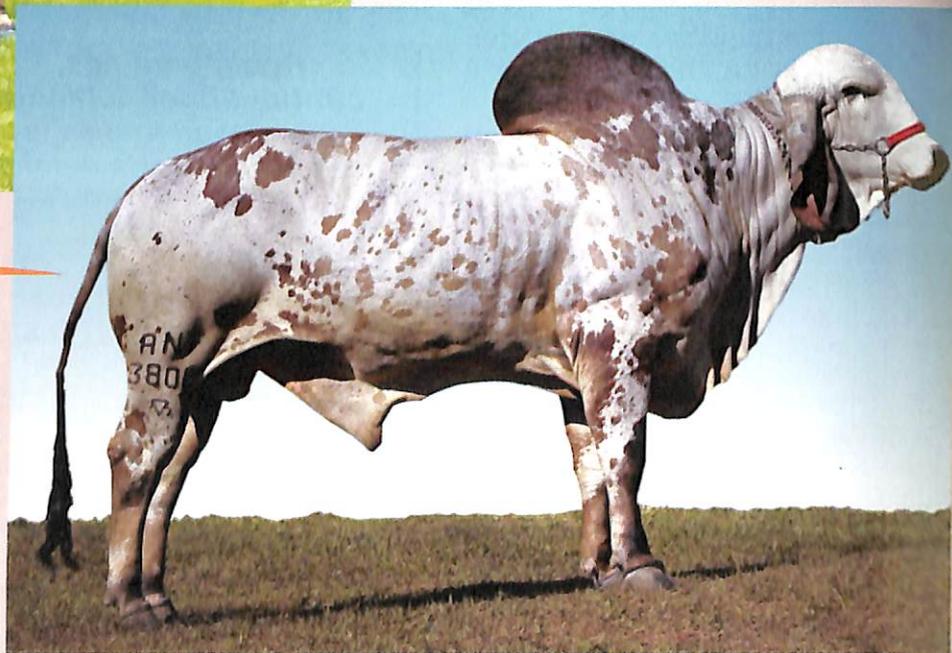


Xantina da São José

Produção de 9.214 kg de leite,
Melhor vaca adulta de 2002
do Controle Leiteiro da ABCZ,
(Associação Brasileira dos
Criadores de Zebu)

Guerreiro da São José

(Beduíno da São José X Batalha da São José)
- Grande Campeão
I Expogir Leite Brasil - Uberaba (MG) julho 2003
- Grande Campeão
Exposição Gir Leiteiro de Brasília - Setembro 2003
- Grande Campeão
40ª ExpoGoiânia - Setembro 2003
- Grande Campeão
ExpoGoiás 2004 - Maio 2004



Venda permanente de doadoras d

ando que você precisa



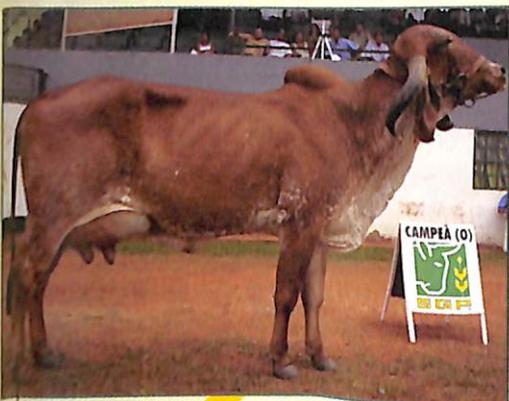
Girolando da São José,
muito leite, fertilidade,
sanidade e garantia de origem.



Leiteiras e mansas,
produzem o leite mais
barato do Brasil.



Garantia de produção
com certificado
da fazenda



Basiléia da São José
(Virnan da SJ X Galiléia)
Melhor Úbere Adulto
40ª ExpoGoiânia, outubro de 2003



Dança da São José
Produção de 6.315 kg de leite,
Melhor Novilha Adulta de 2002
do Controle Leiteiro da ABCZ
(Associação Brasileira dos
Criadores de Zebu)



Luma da SJ
Produziu na última lactação
7.245 kg/leite*
* Controle leiteiro oficial da Associação
Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ)

Alberto Pereira Nunes Filho



Gir e Girolando

Estância São José

Trindade-GO, Km 30 - GO-060

Goiânia-GO

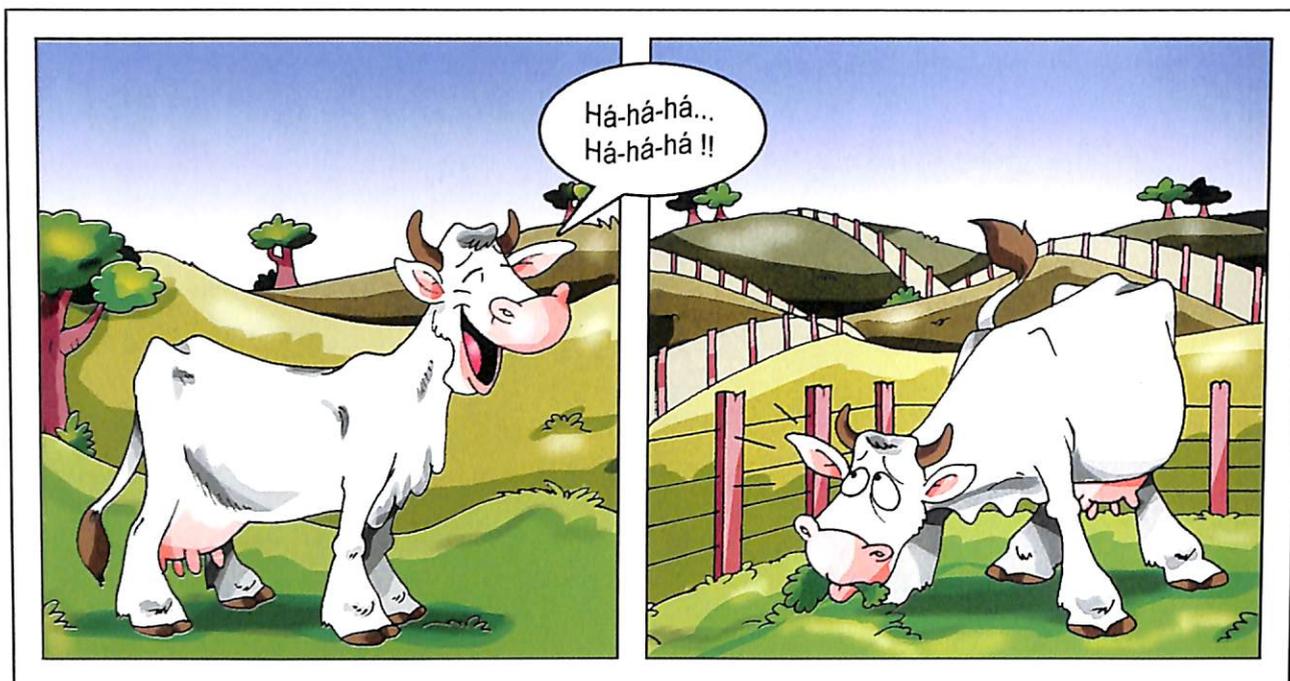
Av. Castelo Branco, 4782 -

Setor Rodoviário - CEP 74430-130

Fones: (62) 272-1400 - 9971-2161

www.estanciasaojose.com

embriões, sêmen, matrizes e tourinhos



Nutrição

Os fatos e boatos do PASTEJO ROTACIONADO

Jairo Mendes Vieira

Pressões de diversas naturezas, principalmente política e ecológica, têm despertado proprietários de terras para a necessidade de aumentar o nível de adoção de tecnologia no campo com vistas a enquadrar a propriedade nos parâmetros oficiais de produtividade para fins de taxaço.

Especificamente na área de pecuária de corte, atividade tradicionalmente de baixa produtividade, essa pressão se faz sentir de forma particularmente marcante, em consequência da gradual e histórica degradação dos solos e dos recursos pastoris decorrentes de sistemas inadequados de exploração. Além disso, as propriedades pecuárias são geralmente mais extensas e por isso, visadas nos programas de desapropriação para fins de reforma agrária.

É grande o número de pecuaristas que procuram na Embrapa-Gado de Corte informações sobre cruzamentos industriais, controle sanitário, adubação e correção de solos, pastagens consorciadas, confinamento, suplementação a pasto, mineralização, des-

mama, castração, espécies forrageiras, formação de pastos, métodos de pastejo, e muitos outros. Isto pode ser tomado como um indício de que a terra deixou de ser uma mera forma de aplicação financeira, para assumir a função que legalmente sempre teve, qual seja, de bem social com finalidade produtiva.

Influenciados por relatos frequentes de representantes de entidades que

vendem tecnologia, às vezes em termos e tons apaixonados e entusiásticos, não são poucos os que têm se interessado em utilizar pastagens com gado de corte pelo método rotacionado, caracterizado pela subdivisão da área total em áreas menores e que são usadas pelos animais em seqüência, com períodos de uso e de descanso mais ou menos rígidos e definidos.

Apregoa-se: 1) que pastagens usa-



das por este método, são mais produtivas, suportando lotações animais elevadas. 2) Que são de melhor qualidade, proporcionando ganhos por cabeça superiores aos obtidos em pastejo contínuo. 3) Ainda que aumentam de produtividade com o passar do tempo, que a distribuição de dejetos é uniforme. 4) Que, também, se for degradada ela se recuperará mesmo sem uso de fertilizantes. 5) Tem-se como certo que seus resultados são de baixo custo e altamente econômicos e que, da mesma forma, elas não se degradarão jamais, pois o método respeita a fisiologia da planta. Enfim, tudo, ou quase tudo, que os pecuaristas hoje em dia - em geral descapitalizados - gostam de ouvir. Alta rentabilidade com pouco, ou de preferência, nenhum investimento.

Estes "milagres" merecem, algumas ponderações: O fato de o sistema ser denominado "Rotacional Racional", deixa a impressão de que outros em uso são irracionais. E isso não é verdade. O excesso de lotação é um erro constante no uso das pastagens, geralmente usadas em sistema de pastejo contínuo. E isso, é uma das fortes razões para a sua rápida e acentuada degradação. Entretanto, rigoroso controle de número de animais por área é a recomendação indispensável para qualquer sistema de pastejo.

O método mais simples é o contínuo

Em pastagens tropicais, a produtividade animal sob pastejo contínuo, pode ser tão boa quanto em pastejos rotacionados e, em alguns casos, até melhor. Este é um fato constatado por produtores e pesquisadores australianos, por exemplo.

Uma vez estabelecida a lotação animal mais adequada para uma dada espécie forrageira num dado local, o pastejo contínuo é um método mais simples e bem definido. Já no rotacional, podem existir variações em função do número de subdivisões, períodos de pastejo e de descanso.

Na impossibilidade de se testarem todas as modalidades possíveis (leia-se: diferentes combinações entre tamanho de piquete x período de descanso x período de pastejo), a escolha daquela a ser usada é sempre subjetiva, ficando sempre a dúvida da existência e não de interação do método x modalidade de pastejo. Em outras palavras, não se sabe se os resultados seriam os mesmos em outra modalidade rotacional em que os períodos de

utilização ou de descanso fossem diferentes.

Estudos feitos por pesquisadores da Embrapa-Gado de Leite resultaram de que não houve diferença na produção de leite, quando o tempo de utilização foi de 1,3 ou 5 dias em capim-elefante. Entretanto, outras forrageiras e outras variáveis devem ser pesquisadas. Espécies forrageiras é fator de alta significância quando se trata de comparar métodos de pastejo rotacional e contínuo. Isto quer dizer que algumas espécies mostram-se melhor adaptadas a um determinado sistema de pastejo do que outras.

A alfafa é a forrageira que não tolera pastejos contínuos. A leucena é mais produtiva em rotação com duas subdivisões do que em pastejo contínuo, em uma única área de pastejo. O

baça, mas outras forrageiras comuns como Braquiária decumbens, Marandu e Tanzânia, são de utilização bastante uniforme em pastejo contínuo e, por isso, é duvidoso que não haja alguma vantagem em utilizá-las em rotação.

Qualquer forrageira que apresenta bom desempenho em pastejo contínuo terá também bom desempenho em pastejo rotacional. São escassos os trabalhos que se dedicaram a comparar métodos de pastejo em pastagens tropicais e, mesmo assim, os poucos resultados raramente se referem a períodos superiores há três anos. Assim sendo, há mais dúvidas do que certezas no que diz respeito aos defeitos de longo prazo dos sistemas de pastejo, em especial do rotacionado.

Em pastagens temperadas de diversas espécies, o acréscimo de 8%



O Capim-Elefante é bastante utilizado no método rotacionado, mas também para corte.

Capim-Elefante tem sido usado em pastejos com gado leiteiro de média produção e postula-se que para esta forrageira o método de pastejo deve ser rotacionado, a despeito da falta de dados comparativos com o método contínuo.

Na Embrapa-Gado de Corte tem-se observado que os capins Tobiata e Mombaça, em pastejos contínuos, são consumidos de forma desuniforme, pois em um mesmo piquete observam-se áreas quase não pastadas e, outras superutilizadas. Acredita-se por isso, que estes capins e outros com estas características seriam mais bem utilizados pelos animais por alguma modalidade de pastejo rotacional. Este aspecto está sendo estudado na Embrapa-Gado de Corte com capim Mom-

na produção de carne proporcionado pelo método rotacional quando comparado com o contínuo, registrado por pesquisadores neozelandeses, foi atribuído a uma maior quantidade de forragem conservada no período de maior produção e transferida para o período de escassez, no método rotacional. Também em revisão feita por pesquisadores alemães, ingleses e belgas dos trabalhos europeus nesta linha, indicaram produção de carne 6% superior no sistema rotacional e apenas 1,5% para produção de leite, sendo a composição química da forragem consumida pelos animais semelhantes nos dois sistemas.

Há forrageiras tropicais que, em função de suas características agrônomicas e fisiológicas, se comportam

melhor sob pastejo rotacional já que proporcionam melhor aproveitamento pelos animais, evitando o pastejo em mosaico ou em reboleiras. Por outro lado, pastagens de gramíneas consorciadas com leguminosas, dadas às diferenças fisiológicas entre estes componentes, em princípio, não se adaptam ao uso de rotacionais intensivos. Sistemas menos intensivos deveriam ser estudados para este caso.

Em debate feito por pesquisadores australianos sobre forrageiras tropicais, chegou-se às seguintes conclusões: qualquer forrageira que apresenta bom desempenho em pastejo contínuo apresentará também bom desempenho em pastejo rotacional. Entretanto, o contrário não é necessariamente verdadeiro, pois há forrageiras que devem ser utilizadas em rotação; não há evidências de superioridade de um método sobre o outro, salvo nos casos citados e, portanto, deve-se dar preferência ao método contínuo com carga fixa, por ser mais simples e menos custoso.

Um dos problemas do método rotacionado está no custo elevado de sua implantação

Na Embrapa-Gado de Corte têm sido desenvolvidos alguns trabalhos, envolvendo pastejo rotacional e até

A braquiária decumbens está em mais de 60% das pastagens brasileiras.



acúmulo de fezes nestes corredores e parece só funcionar para pequenos módulos. Aliás, tamanho máximo do módulo do pastejo rotacional é outra pergunta ainda à espera de resposta.

A maioria dos sistemas atualmente em uso são pequenos módulos de observação ou experimentais, envolvendo pequenas áreas e pequeno número de animais. O aumento destes parâmetros ao nível prático real de fazendas, pode trazer à tona novas indagações sobre tamanho e número de aguadas e saleiros, superpisoteio de corredores etc.

Está hoje bastante arraigada a crença de que, apenas fazendo-se pastejo rotacional, é possível recuperar pastagens degradadas. Este é um problema atual, da maior importância, e sabe-se que é causada pela ação si-

mite muito, pois em solos degradados as deficiências minerais são severas.

A recuperação de pastagens faz-se através da correção destas deficiências. Boa utilização é apenas um meio de garantir a continuidade do processo e isso pode ser conseguido tanto por pastejo rotacional quanto por contínuo. Em ambos, lotação animal compatível com a capacidade produtiva do pasto é um fator chave, e entende-se que, pelo método rotacional, é mais fácil de se fazer os ajustes necessários dando o maior volume de atenção e gerenciamento geralmente dispendido.

O tema manejo rotacional de pastagens é polêmico em função da indefinição gerada pelo grande número de modalidades possíveis pela combinação das diversas variáveis que o compõe. A generalizada tendência para se considerar pastejo rotacional, melhor do que contínuo, deve ser recebida com cautela. Segundo informações disponíveis, pouco numerosas e incompletas, é aceitável que isso pode ser verdadeiro para determinadas forrageiras, situadas ou modalidades de pastejo rotacional. Porém, pastejo contínuo, desde que bem administrado, proporciona resultados de desempenho animal idêntico e freqüentemente a custos de implantação e administração mais baixos. ★

Jairo Mendes Vieira - é Engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa Gado de Corte.



Tanzânia, capim de sucesso.

comparando com o método contínuo. Uma das grandes objeções ao método rotacional, sempre foi o elevado custo advindo da necessidade de construção de grandes extensões de cercas e instalações de aguadas.

O primeiro problema parece ter sido resolvido com o advento das cercas elétricas, hoje em disponibilidade no país com grande número de marcas e modelos. Porém, o de aguadas ainda é um fator de preocupação, pois o sistema de instalação de uma única fonte de água e um corredor comum a todos os piquetes do sistema acarreta

multânea de diversos fatores, dentre eles o super-pastejo causado pelo excesso de animais mantidos sem nenhum controle nas pastagens.

Ao se fazer a subdivisão de uma área degradada para adoção de alguma modalidade de pastejo rotacional, evidentemente preocupa-se em adequar a lotação animal à produção de pasto, eliminando-se um dos fatores da degradação. A vegetação da área deverá melhorar. Porém isso só ocorrerá até o ponto em que a fertilidade do solo o permitir, independentemente do método de pastejo. E, em geral, ela não per-

Você sabia...?

...que os 200.000 cachorros que vivem em Paris - tida como a cidade mais limpa do mundo - dejetam 4.000 kg de excrementos, todos os dias? A limpeza da cidade tem prioridade total. A prefeitura fabricou até uma máquina especial para aspirar o excremento dos cães e ainda jogar uma aguinha perfumada com lavanda, no local.

BRASIL:

o estreito funil da infra-estrutura

A OMC é favorável à reclamação brasileira contra os subsídios americanos aos produtores de algodão. Estranhamente a decisão foi por pouco tempo comentada e não ganhou o espaço merecido. Possivelmente a vitória brasileira não tenha sido divulgada amplamente pelo governo, por ser um mérito do empresário Pedro de Camargo Neto, quando Secretário do Ministério da Agricultura no governo FHC, e pelo que consta não-petista, e que mesmo desaconselhado por muitos pediu um "panel" na OMC.

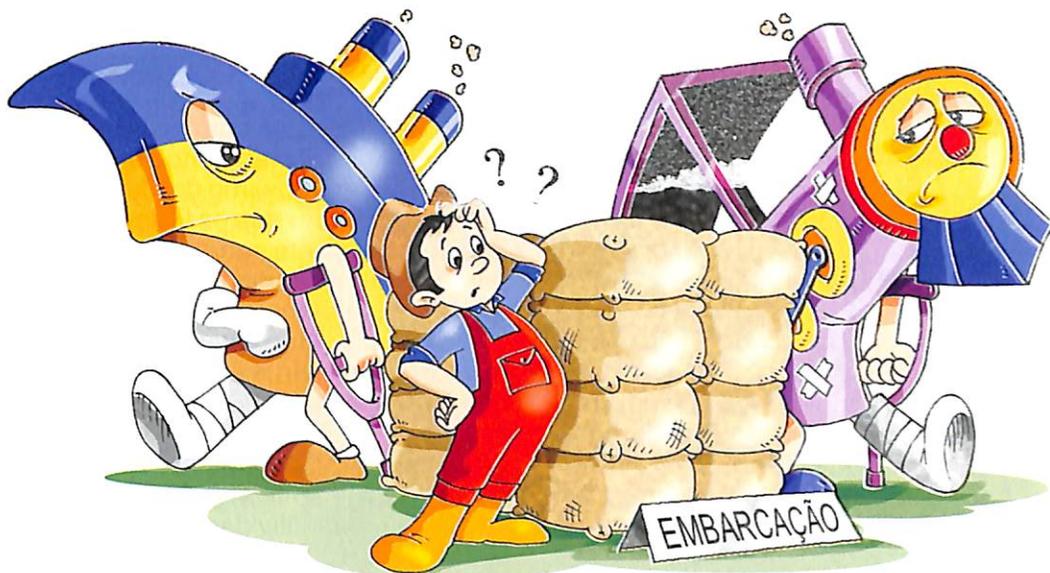
Em seguida, veio a decisão "stalinista" de cassar o visto de permanência do jornalista do New York Times! Foi o suficiente para fazer a vitória brasileira na OMC assunto de menor importância, num momento em que o Brasil é um dos líderes do G-20 junto às negociações na mesma OMC, confrontando a União Européia, os norte-americanos e os japoneses.

Por outro lado, se a ALCA está temporariamente no limbo por diferentes razões, acompanhando as demais negociações em curso, e as duras posições brasileiras, fico a pensar se não nos sentiremos em pouco tempo, em face de nossa situação logística, à beira de um "colapso", como o cachorro da fábula, que vivia a correr atrás dos carros, porém nada soube fazer quando alcançou um deles.

Sem recursos para investimentos, e vendo diariamente que as tão propaladas PPPs Parcerias Público Privadas não saem do discurso, fica difícil acreditar que este é um governo comprometido com a distribuição de renda e com a geração de empregos.

Paralelamente às viagens justificadas no fundamental desenvolvimento do comércio, e nos acentuados gastos com publicidade, tenta-se descobrir uma doença obsessão por alcançar uma liderança estratégico regional, que poderá nos custar muito caro, gerando a diminuição de empregos na indústria.

É verdade que nossos vizinhos andinos encontram-se em menor nível de desenvolvimento, porém, isto não



significa que não sabem explorar as pretensões de liderança brasileiras, cobrando acesso privilegiado a nosso mercado, o que temos concedido, sem a contrapartida devida.

O que é preocupante, é que não temos sido capazes de viabilizar acordos para facilitar a colocação de produtos industriais em países fronteiriços, e com a infra-estrutura logística disponível, dificilmente os produtos industriais terão preços competitivos quando alcançarmos o cais de nossos defasados portos.

Alguns ministérios encontram-se bem geridos, por ministros capazes e conhecedores de seu mister, porém, no tal "núcleo duro", o governo encontra-se sem coordenação e gerência, o que produz todo o tipo de desencontros.

Como entender que o Ministério dos Transportes seja moeda de troca para a composição política, justamente com o PL, partido que não tem deixado de criticar a ortodoxia da área econômica do governo, que aparentemente despreocupada com a situação de caos social em que vivemos, permanece obcecada por atingir o superávit primário comprometido com o FMI, e segue contingenciando o orçamento, o que gerou no corrente exercício, para alegria da tecnocracia brasileira,

que o comprometido superávit do primeiro semestre, tenha sido praticamente alcançado já em abril. Evidentemente outra leitura também pode ser feita, ou seja, o quão pouco tem realizado o atual governo.

Enquanto isso nos portos a situação é gravíssima. Encontrando-se assoreados, e sem condições de atender a demanda por falta de investimentos. Queremos realmente ser um "player internacional"?

Não temos marinha mercante de longo curso, o que nos deixa à mercê dos armadores internacionais. Navegação de cabotagem não existe. As ferrovias aparentemente são virtuais; afinal quantos exportadores podem contar com elas para deslocar sua produção até os portos? Mesmo privatizadas a quem atendem? Não dispomos de vagões preparados para o transporte de contêineres. No Estado de São Paulo, a conhecida "locomotiva", o sistema ferroviário encontra-se de tal forma sucateado, que em muitos de seus trechos não é permitido a um comboio transitar em velocidade superior a 10 km por hora, pois os dormentes estão podres!

Creio o governo que tem nos como agregar tanta ineficiência aos preços dos produtos para exportação,

sentido de manter-se o Real valorizado artificialmente frente ao dólar, para que nossa dívida interna em títulos atrelados à taxa de câmbio, bem como nossa dívida externa, permaneçam aparentemente estáveis ou diminuam frente ao PIB.

Resumindo, o governo aparentemente não sabe como fazer o PIB crescer,

e tem medo de que o crescimento gere inflação, desconhecendo os níveis de ociosidade ora existentes na indústria, e como não dispomos da infraestrutura logística necessária para o crescimento, parece que optou em manter o setor industrial estagnado, festejando superávits comerciais enquanto os chineses quiserem comprar

nossas commodities. ★

Humberto Barbato

- é Diretor Superintendente da CST Isoladores Elétricos; Diretor de Comércio Exterior do DEREEX da Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo; Diretor de Relações Internacionais da Abinee - Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica.

Panorama

PIB do agronegócio de 2004 é estimado em R\$ 537 bilhões

O PIB (Produto Interno Bruto) do agronegócio brasileiro projetado para 2004, deve atingir a marca de R\$ 537 bilhões o que representa um crescimento de 5,8% sobre os R\$ 508,2 bilhões registrados no ano passado. Os resultados de janeiro projetam um crescimento mais tímido do PIB do agronegócio para todo o ano de 2004, mas ainda assim os números do mês são considerados positivos, pois, revertiram a trajetória de queda registrada nos últimos três meses de 2003. Com o resultado já registrado, estima-se que o PIB da agricultura em 2004 deve chegar a R\$ 105,90 bilhões, frente aos R\$ 94,81 bilhões de 2003. A pecuária deve alcançar o PIB de 67,6 bilhões, contra R\$ 63,39 bilhões do ano passado. ★

Classificação de carcaças será obrigatória

A partir de Janeiro de 2005, será obrigatório em todo território nacional a classificação de carcaças através do Sistema Nacional de Bovinos, do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). A aferição da qualidade dos animais e das respectivas carcaças será feita durante o processo de abate, por profissional habilitado e credenciado pelo MAPA, às expensas do setor privado, mediante a observação dos parâmetros de sexo (macho ou fêmea), categorias (macho inteiro, macho castrado, novilha ou vaca de descarte), maturidade (dente de leite, dois dentes, quatro dentes, seis dentes ou oito dentes), peso da carcaça e acabamento da carcaça (magra, gordura escassa, gordura mediana, gordura uniforme e gordura excessiva). ★

China supera EUA em plantas geneticamente modificadas

A China já conta com mais de cem plantas geneticamente modificadas e aprovadas pelo governo desde 1997, o dobro do número que os Estados Unidos aprovaram até agora. A China foi o primeiro país do mundo a produzir plantas geneticamente modificadas para uso comercial, uma variedade de tabaco resistente a vírus e pragas, no nordeste do país, em 1988. Atualmente a China é o país asiático que mais produz plantas geneticamente modificadas, especialmente algodão. Em busca dessa competitividade no mercado internacional, difícil de ser alcançada pelos agricultores chineses devido aos altos custos de produção e à baixa

qualidade dos grãos, o governo chinês convocou vários cientistas para desenvolver técnicas que melhorassem a situação dos produtores. Além dos estudos sobre as novas variedades de algodão, há projetos em andamento, como o cultivo de um tipo de arroz resistente à seca e de um novo tipo de milho com maior conteúdo oleico. ★

Você sabia...?

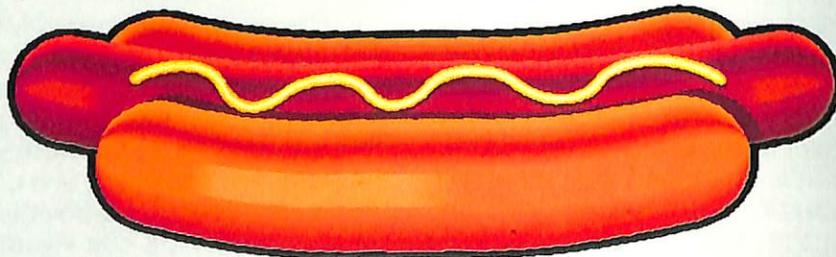
... que menos de 1 em cada 100 litros de água existentes no planeta é apropriado para ser bebido ou usado na agricultura?

Maior cachorro-quente do mundo

Para celebrar o mês nacional do cachorro-quente (julho) nos Estados Unidos, a empresa *Vienna Beef*, localizada em Chicago, produziu o maior cachorro-quente do mundo, medindo 11,28 m por 5,08 cm, exposto durante o festival anual de alimentos de Chicago "*Taste of Chicago*". O cachorro-quente gigante deste ano foi duas vezes maior que o do ano passado, que tinha 4,87 m por 2,54 cm.

Além disso, o sanduíche de 11,28 m bateu o recorde mundial de um cachorro-quente de 10,36 m por 13,33 cm feito por estudantes da Universidade de Pretória e exposto no *Sonop Hostel*, Pretória, África do Sul, em 2003.

O cachorro-quente pesava 7,9 kg e continha cerca de 125.280 sementes de papoula, um galão de mostarda, um galão de *bright green relish* (tipicamente utilizado no cachorro quente elaborado em Chicago), 140 tomates fatiados, 1.814 quilos de cebola picada, 70 pedaços de pickles, 140 pimentas e uma grande quantidade de aipo picante.



A *Vienna Beef* doou a quantidade equivalente de alimentos usados para fabricar o maior cachorro-quente do mundo para a *Greater Chicago Food Depository*, entidade sem fins lucrativos de distribuição de alimentos para pessoas carentes em Cook County.

O Couro como uma RENDA EXTRA

O couro não é apenas o envoltório do animal, mas uma fonte de renda que o produtor deve explorar

A indústria coureira vem assumindo grande importância dentro da cadeia pecuária bovina. Organizada estrategicamente, ela pode se transformar numa das maiores geradoras de divisas internacionais para o País.

Seu potencial é muito superior ao da carne, que faturou US\$ 670 milhões em exportações em 1999, devendo estabilizar-se entre US\$ 1,5 bilhão e US\$ 2,5 bilhões nos próximos anos, enquanto que as exportações de produtos de couro podem ultrapassar, com facilidade, a marca dos US\$ 10 bilhões.

Quanto o produtor ganhará com isto? Para a maioria dos pecuaristas, o couro é apenas um envoltório de proteção dos animais e não lhes confere nenhum lucro ao ser comercializado. Esse é um grande engano.

O couro pode representar uma receita extra ao produtor, caso seja produzido com qualidade, e fortalecida uma política de comercialização por meio de associações, parcerias e outras, para reivindicar por melhor remuneração e, com isso, agregar valor ao produto e a sua produção.

O Brasil não tem explorado com eficiência o potencial do setor produtivo do couro, sofrendo, assim, prejuízos econômicos, causados pela exportação do couro bruto. Tais perdas chegam à casa dos US\$ 2,5 bilhões anualmente, sem falar dos 200 mil empregos que deixam de ser gerados.

Se continuar assim, o produtor, que não se preocupa com a qualidade do couro, deixará de receber uma remuneração extra. A qualidade é que determina a classificação e consequentemente, a valorização do couro. As perdas brasileiras já começam por aí. Segundo esse critério, existem oito níveis de classificação – a oitava são os refugos. Cerca de 85% do couro do Brasil está da terceira categoria em diante. O inverso acontece com o couro norte-americano, que tem 85% de sua produção na primeira categoria e, o restante, entre a segunda e a terceira.

É lógico que, nos EUA (o maior produtor mundial, com 36 milhões de peles anuais), o gado utilizado é outro, o sistema de criação é diferente e as parasitoses também são outras, mas a economia gira em torno de cifras. Em outras palavras, isso quer dizer que 85% dos couros produzidos no Brasil possuem defeitos. Somente em razão dessas imperfeições, comparativamente aos EUA, os prejuízos anuais são da ordem de US\$ 500 milhões.

Como já citado, para a maioria dos pecuaristas, o couro é apenas um envoltório de proteção dos animais, que não lhes dá lucro ao ser comercializado e, por isso, não há preocupação com a qualidade. No entanto, é comum encontrarem citações de que, ao vender um animal para o abate, o produtor recebe o equivalente a 7% do valor pago pela arroba como sendo pelo couro do animal.

Essa bonificação é muito discutida e, no geral, não aceita pela classe, principalmente, para aqueles que comercializam animais na fase de cria, recria ou para terminação. Es-

A indústria coureira é grande geradora de divisas... pode ser maior que a indústria da carne



O couro sendo preparado



O couro sendo trabalhado



... e muito emprego é gerado.

ses produtores, ao venderem seus animais, nem sequer citam a qualidade dos couros e muito menos a remuneração a ser recebida por estes.

Assim, o couro não entra como um produto de renda durante o processo de criação e venda dos animais. Nessa situação, apenas os pecuaristas que vendem os animais terminados para os frigoríficos receberiam pelo couro.

Como resultado desse raciocínio, não se têm os devidos cuidados com a qualidade dos couros. Conseqüentemente, os curtumes vêm sofrendo com a má qualidade dos couros bovinos produzidos na região Centro-Oeste, principalmente no Estado de Mato Grosso do Sul.

Dos problemas que contribuem para desqualificar o couro, 60% acontece ainda dentro das propriedades rurais, onde os principais fatores são representados pelas parasitoses e, dentre estas, o carrapato, o berne e a bicheira, responsáveis por 40% dos danos. Além disso, deve ser incluída a mosca-dos-chifres, pois quando foi feita a avaliação acima ainda não existia essa mosca na região.

As marcas a fogo (ferro em brasa) na região nobre do couro são responsáveis por mais 10% e os restantes 10% são causados pelo uso de cães e agulhões no manejo com o gado, arame farpado, espinhos e galhadas das invernações, e da má conservação de mangueiros e outros.

É comum o pecuarista contratar o transporte dos animais com base no preço e não pela qualidade do veículo. Isto eleva em mais 10% os danos no couro, em consequência das lesões de transporte, porém já fora da propriedade.

Verifica-se, portanto, que 70% dos defeitos encontrados nas peles acontecem ainda quando os animais estão sob responsabilidade do produtor, que poderiam ser evitados, caso houvesse remuneração para tal.

Como o produtor pode exigir bonificação pelo couro, se mais de 70% das peles que chegam aos curtumes possuem defeitos, tornando-as quase inservíveis? Solução? Só uma: bonificar o criador e o abatedor que fornecerem couro de boa qualidade.

O aumento da qualidade das peles, que resultaria em renda extra para os pecuaristas, poderia ser alcançado com a adoção de um manejo mais cuidadoso com o gado e um controle mais eficiente das parasitoses.

O comportamento do pecuarista

em relação à melhoria da qualidade do couro está ocorrendo de forma lenta e gradual, pois já foram verificados avanços significativos, no que tange ao manejo dos animais no curral e no pasto.

Muitos pecuaristas já não usam cercas de arame farpado ou bastões com pregos na ponta para conduzir o gado e procuram eliminar os galhos de árvores, as plantas com espinhos, as lascas e objetos contundentes das pastagens e instalações. Não obstante, continuam a fazer a tatuagem a fogo e investem pouco no combate aos ectoparasitos, argumentando que não são remunerados pelo couro de qualidade.

Mudanças mais profundas só virão quando o pecuarista se conscientizar de sua posição estratégica na cadeia produtiva da carne e formalizar novas relações comerciais com os frigoríficos. "Se o couro for de alta qualidade, o produtor poderá, futuramente, receber um valor praticado internacionalmente e que equivale a 2 ou 3 arrobas a mais na conta final do boi", diz Arnaldo Frizzo Filho, presidente da Braspelco.

Com práticas simples e de baixo custo, o produtor pode mudar o manejo para proteger e agregar valor ao couro dos animais. Por exemplo, não marcar o animal na região nobre do couro, e sim nas áreas determinadas pela Lei no 4.714/65; utilizar a descorna ou aparar as pontas dos chifres; trocar ou não usar cercas com arame farpado, e sim arame liso ou cerca elétrica; não utilizar cães, agulhões ou ferros pontiagudos para a lida do gado; manter as pastagens limpas. Além disso, sugere-se que contrate as transportadoras pela qualidade dos serviços oferecidos e não pelo preço.

Outra medida efetiva é proceder ao controle profilático, correto e eficiente das parasitoses (carrapato, berne, bicheiras, mosca-dos-chifres e outras), a fim de proteger o couro e os animais.

As condições climáticas da região Centro-Oeste favorecem as parasitoses, principalmente

O couro é um mercado sempre em **EXPANSÃO**



O couro é resistente...



prático...



está sempre na moda...



O couro tem enorme mercado consumidor...



tem mil e uma utilidades...

na época das chuvas (primavera e verão), período de maiores picos populacionais. Nesta época, necessitam-se intensificar os tratamentos, caso contrário, a pele de animais abatidos, a partir da primavera, tenderá a apresentar mais lesões de parasitoses do que em outras épocas, e consequentemente, receber a pior classificação.

Não existe uma fórmula mágica ou um método revolucionário capaz de resolver definitivamente o problema das parasitoses no Brasil, mas sabe-se que uma associação de métodos alternativos e integrados, de acordo com a situação, permite obter excelentes resultados.

O controle das principais parasitoses, atualmente, é feito quase exclusivamente pelo uso de produtos químicos. A aplicação desses produtos é realizada por meio de imersão, pulverização, dorsal (pour-on e spot-on) ou injetável.

Cada método apresenta vantagens e desvantagens, e a escolha depende da região geográfica, tipo de criação, manejo, número de animais, entre outros fatores. Para cada produto, devem-se respeitar as recomendações do fabricante, como a concentração, a dose por animal, a carência para o abate e ordenha. Em qualquer dos métodos a ser empregado são fundamentais o período residual do produto, para a determinação dos intervalos de aplicações, e a orientação técnica do médico veterinário.

O pecuarista pode barganhar o preço caso produza animais com couro de boa qualidade. Mas isso não tem efeito se for realizado de modo isolado. Sozinho, um produtor que possua, por exemplo, 300 a 500 animais não vai influenciar na cadeia produtiva do couro. Entretanto, se houver uma associação de produtores com interesse

Os 10 Mandamentos para se obter melhor qualidade da carne e do couro de seu gado

● 1- Nunca fazer cerca com arame farpado. Utilizar somente arame liso ou cerca elétrica.

● 2- Não usar ferrão pontiagudo e nem cães para o manejo do gado.

● 3- Manutenção periódica no combate aos ectoparasitos (carrapato, berne, mosca-dos-chifres, sarna e piolho).

● 4- Manter sempre limpas as pastagens.

● 5- Vistoriar periodicamente os currais, evitando pontas que possam furar o gado.

● 6- Fazer marcação do gado nos locais adequados, tais como: cara, pescoço e canela com, no máximo, 11 centímetros de diâmetro.

● 7- Fazer a descorna do gado.

● 8- Balancear a alimentação do gado com suplementos minerais.

● 9- Escolher um veículo adequado para o transporte do rebanho até o frigorífico, evitando estragos com pontas de madeira ou pregos.

● 10- Sempre estar consciente de que "gado bem tratado, produz melhor resultado".

de melhorar a qualidade do couro, a média final do produto será melhor e, consequentemente, maior o poder de barganha.

O produtor pode e deve associar-se às entidades de classe, ao frigorífico, ao curtume, para obter o chamado boi rastreado, isto é, animal com cuidados diferenciados, onde o criador é orientado a respeito de como marcar, fazer o manejo e cuidar das parasitoses. Em geral, esse gado tende a ser o novilho precoce, porque diminuindo seu tempo de vida para alcançar o peso de abate, diminui-se também o tempo de exposição aos fatores que podem comprometer a qualidade da carne e do couro. A diferença de qualidade com certeza resultará em receita para o produtor.

Hoje, são muito citadas, nos documentos produzidos pela indústria coureira, algumas atitudes que o produtor pode tomar em relação à melhoria do couro, como "Os 10 Mandamentos para se obter melhor qualidade da carne e do couro de seu gado":

Os pecuaristas que tiverem dúvidas de como devem tratar o rebanho, principalmente contra as parasitoses, podem buscar orientações técnicas de como fazê-lo, com o médico veterinário que dá assistência à propriedade ou com os pesquisadores da Embrapa Gado de Corte que têm produzido e publicado diversos trabalhos com resultados de vários anos de pesquisas sobre o assunto. O sistema correto de criação e de combate às doenças infecto-contagiosas e parasitárias, que causam grandes danos aos animais, maximiza os lucros do pecuarista, bem como dos parceiros que compõem os demais segmentos das cadeias produtivas da carne, do leite e do couro.

Fonte: Embrapa Gado de Corte.

Panorama

Chega Braquiária Mulato

Sementes de Braquiária Mulato chegam ao Brasil para aumentar e acelerar o sistema produtivo das fazendas a custos competitivos. Essas sementes contêm 16% de proteína crua e 62% de digestibilidade. A utilização do capim Mulato resulta na formação de pastagens de alto nível protéico, com resistência a fatores climáticos, incontroláveis como longos períodos de seca, geadas, queimadas, entre outros, propiciando períodos de pastejo mais longos e permitindo maior lotação por área.

Ditado

- Quando a fome entra pela porta,
o amor sai pela janela.

(Expressão popular)

Frase

"Os médios e grandes agricultores,
ocupando 70 a 80% da área plantada,
são hoje reféns da "tecnologia de produtos".

(Primavesi)

Responda bem depressa

Por que o papagaio imita o que nós
falamos e os outros animais não?

R - A capacidade de falar está associada ao formato da língua. Todos os animais que possuem língua redonda são capazes de emitir sons bem articulados, como a fala no ser humano. Se o animal tem capacidade mental para conseguir imitar a fala humana e tiver a língua redonda, como a nossa, imitará a fala. O papagaio, pertencente, portanto, a esta categoria, possui língua redonda, por isso consegue imitar nossa fala.

Cinco homens, cinco besouros

Era um dia-de-campo animado, com gente de vários países, observando as vacas lindas que pastavam no capim lindo, em meio às instalações mais lindas ainda, num dia muito bonito. Os Congressos servem para atualizar conhecimentos e relacionamentos; conhecer gente e ganhar sabedoria. Por isso, todo mundo observa todo mundo nesses eventos.

E ali estavam Smith, o inglês; Johnson, o americano; Narada, o hindu; Joshua, o judeu e Tamulu, o africano - conhecidos de longa data e de muitos congressos anteriores. Saíram para observar as redondezas enquanto acontecia o "coffee break". O papo era sobre a ontogenia dos mamíferos desven-

com extrema bravura, range os dentes, atira-o ao chão com espalhafato, ergue a perna e esmaga o infeliz. Vitória americana...

O passeio continuou ameno, enlizando as teorias neo-genômicas aplicadas aos bovinos e eis que mais um besouro vem do céu e se agarra ao ombro de Narada, o hindu. Ele olhou o besouro atentamente. Todos também olhavam. Sorrindo, cheio de amor, o hindu pega o inseto, coloca-o na palma da mão e, em sânscrito - língua inacessível aos mortais ocidentais - reza uma prece pelo futuro do animalzinho e o deposita no chão, à beira do caminho. Deus cuidaria dele...

quando um outro besouro, gordinho e balofo, despencou e caiu no ombro de Tamulu, o africano. Ele olhou o besouro grudado em sua roupa, olhou o inglês que havia se espantado com a truculência do americano, com o niilismo do hindu e com a ganância do judeu. Olhou para o americano que havia achado que o inglês era frouxo, que o hindu era um hipócrita e que o judeu era um obcecado pecuniarista. Olhou para o hindu que havia sentido pena do americano, nojo do judeu e era misericordioso com o inglês. Olhou para o judeu que achava que o inglês era um trouxa, que o americano era perdulário e que o hindu era débil.



dada pelo DNA - conversa para quem tem neurônios incrementados.

Perto do estábulo, um besouro caiu no ombro de Smith, o inglês. Todos viram, mas ninguém teve tempo de expulsar o desafeto, pois rapidamente o inglês levou a mão com extrema eficiência e delicadeza, soando: "shitt, shitt" - tangendo suavemente o inseto para longe, com as pontas dos dedos. Nada como a elegância britânica...

Mais alguns metros, progredia o relacionamento filogenético entre as espécies, e um descuidado besouro saiu do abacateiro e pousou no ombro de Johnson, o americano grandalhão. Ele arregala os olhos, pega o inseto

Mais alguns passos, a discussão incendia-se entre cromossomos e mitocôndrias, quando um outro besouro vem meio zozzo e gruda no ombro de Joshua, o judeu. Todos estavam impressionados com o olhar cobiçoso e feliz que o hospedeiro manifestava. Ele pegou, ciosamente, o besouro, analisou bem, tim-tim por tim-tim, e já ia guardando no bolso, quando resolveu perguntar: "Alguém quer comprar?" Sem dúvida, era um presente valioso deste estranho Brasil para alguém de seu país. Tinha lá seu valor sonante.

Chegaram ao riacho e começaram a voltar, discutindo a gênese do novo mundo da bovinocultura transgênica,

Tamulu viu tudo isso, pesou bem no que todos pensariam dele, sabia que sua atitude seria friamente criticada e, então, achou melhor apenas manter a tradição racial de seu povo. Simplesmente pegou o besouro gordinho, colocou-o na boca e saboreou com total prazer, lambendo os lábios depois, encarando o inglês, o americano, o judeu e o hindu - um após o outro, sorrindo, pois era o único que havia usado o inseto para algo útil. E tomou a dianteira, recomeçando a falar sobre a simbiose provável entre mitocôndrias e neutrinos, gerando novos seres para o futuro do planeta. O besouro já era passado!



Adriano da Cunha Freire
(67) 3026-7009
fazendafurninha@terra.com.br



Um novo livro para o

da Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil

A grande novidade para 2005, na Expo. Nacional de Uberaba será o lançamento do livro

O GUZERÁ NO BRASIL

Este será um livro muito diferente. Será muito bonito, com centenas de ilustrações. Tudo que o mercado precisa saber sobre o Guzerá estará lá. Em Português, Inglês e Espanhol.

O livro mostrará o **DESEMPENHO** do Guzerá em todas as regiões brasileiras, com detalhes sobre o resultado em cada uma delas. E também muitos depoimentos práticos sobre as vantagens do **USO** do Guzerá.

Evidenciará o papel do Guzerá em todos os **cruzamentos** interzebuínos e tauríndicos. Será um livro que passa a limpo a eficácia e importância do Guzerá na modernidade.

Ensinará como conhecer cada detalhe do Guzerá e a sua importância.

GUZERÁ

Experiência em Guzerá desde 1975

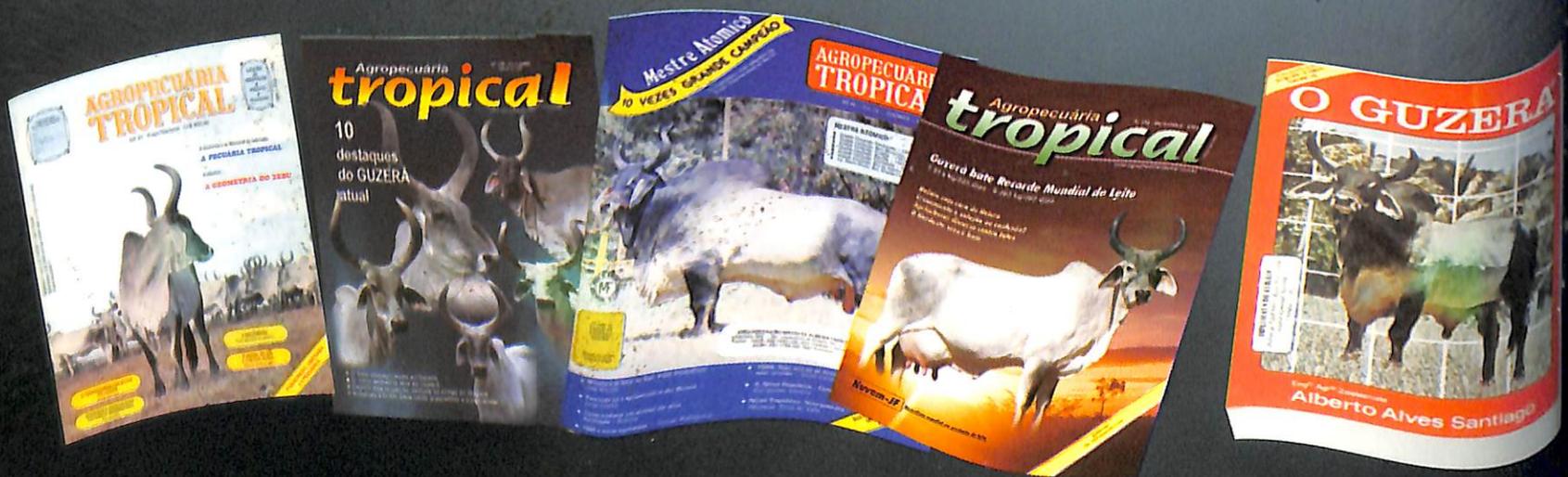


O leitor tirará todas as dúvidas sobre aspectos raciais, aspectos econômicos, últimas vitórias da raça no país e no mundo. E muito mais... É um livro, portanto para consolidar e expandir ao máximo as **vendas** da raça.

É o livro certo para ser colocado nas mãos dos **criadores e usuários** atuais. E dos novos criadores, daqui para frente.

Será a **VITRINE** dos mais expressivos rebanhos da atualidade. O seu Guzerá precisa estar presente. Faça logo sua reserva e as fotografias

Em grande formato (22 x 32 cm), papel couchê, capa-dura, estojo para viagem e muito mais.



Cx. Postal 606 Rua Engº Foze Kalil Abrão, n. 487 Mercês CEP: 38060-010 UBERABA - MG

PABX: (34) 3312-9788

Internet: www.agropecuariatropical.com.br

E-mail: zebus@terra.com.br